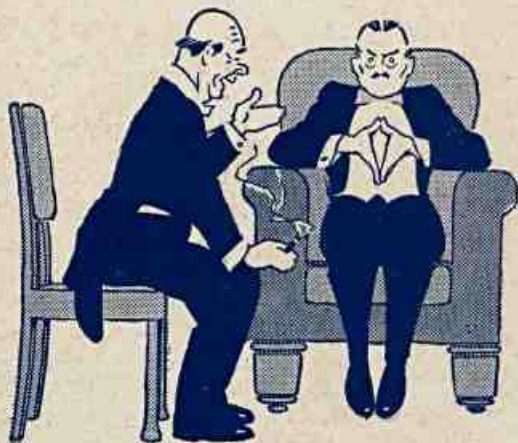
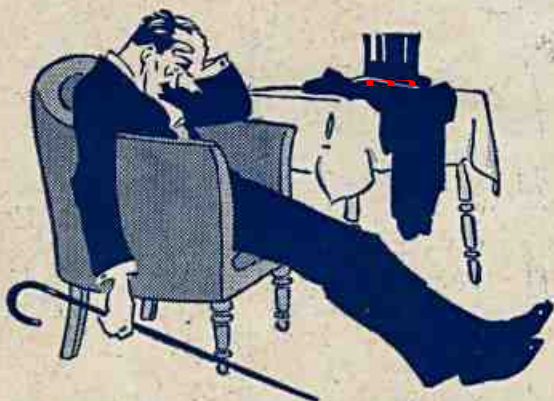
FON FON

ANNO XXVI — N.º 26
Rio, 25 de Junho de 1932
— PREÇO: 1$000 —

O conto brasileiro

BALÕES

De GILBERTO VEIGA

JUNHO. A terra está coberta por um tenuissimo véu de neblina. Um vento fraco, mas muito frio, cortante vagabundeia de porta em porta, perambula de folha em folha, fazendo tiritar, nos ninhos, as avezinhas recolhidas. O céo está todo constellado. A lua, muito redonda e branca, passeia displicentemente aquelle fausto nababesco, indifferente e fria como uma rainha no seu solar, arrastando, após si, um manto de setim azul marchetado de diamantes limpidos.

E' noite de S. João.

De quando em quando, um estouro. De quando em quando, balões de papel, coloridos, leves e bonitos vão subindo, subindo... Dir-se-ia que vão parar no arcano da abobada estrellada. Sobem. Sobem cada vez mais. De subito, a chamma que o anima sossobra. O fumo se esvae e elles vêm, de chofre, esboroar-se num areal deserto, na cabeça de um morro ou sobre as pontas de uma arvore solitaria. Os balões! Como elles se parecem com os sonhos da gente! A origem: umas folhas de papel e grude. O objectivo: galgar o espaço, transpôr montanhas, brilhar, um instante. O fim: a queda, o desmoronamento, o nada... São assim os idéaes. Nascem pequeninos, corporificam-se, querem dominar o mundo, galgam cerros majestosos, transpõem mares, rios e florestas, parecem tocar e subjugar o azul infinito da realização, e, por fim, num desencanto doloroso, vêm rolar de encontro ás muralhas nuas da realidade. E o desilludido espera, como os balões de papel, nova noite de S. João na sua alma, para erguer novo balão de sonho, vago e breve como aquelles coloridos, leves bonitos...

— S. João! Viva S. João!

E' o eco que vaga de canto a canto. E' o calor que anima todos os peitos e colore todas as faces. E elle, o bom e meigo pastor, immerso no seu somno profundo, não partilha da alegria que boia nos olhos da humanidade. Diz a crença, ingenua e linda, do povo da minha terra natal que, si S. João despertasse nessa noite de alegria ensurdecedôra, o seu contentamento seria tal, que elle incendiaria o mundo ou ficaria doido. E é de crer-se, dada a intensidade dos festejos, no norte, dedicados ao divino padrinho de Jesus.

* * *

Pedrinho, um garoto de doze annos, muito bonzinho, meigo loiro, de um loiro rosado, muito bonito, estudioso, muito amigo de seus progenitores, vinha, ha mezes, commettendo um "crime" de lesa-confiança. Surripiava, de quando em vez, alguns nickeis do bolso do papae, velho obreiro, graphico de um jornal, e, como um avarento, escondia seu "thesouro" num cantinho da parêde. Tinha um fito um ideal sagrado para aquelle dinheiro. E todos os dias contava e recontava as moedinhas brilhantes, ansioso pelo grande dia. Queria, ao envez de bombas e coriscos, como o Juca, seu vizinho, mais velho dois annos que elle, um brigão impenitente, devastador das vidraças alheias com seu bodoque certeiro, assistir á ascenção de um balão que, mesmo pequeno, fôsse por elle comprado. Por isso, só por isso, "enganára" o papae, "subtrahindo-lhe", aos poucos, a almejada quantia.

O filho do millionario deixou escapar a sua bola de gaz...

Na manhã do grande dia, quando um enorme reboliço andava de coisa em coisa, passava o Juca pela rua, e ouvindo alguem chamal-o, deteve-se. Era o Pedrinho. Este não gostava do vizinho, mas, para pôr em execução o seu preconcebido plano, precisava de um "cumplice". E foi assim que elle, arrastando o endiabrado menino pelo braço, o levou a um canto do muro e lhe fez senhor do seu segredo, pedindo-lhe suggestões. O consultado escarneceu. Que fogos é que eram coisas de homem! Que esta historia de balão só para melindrosas! Mas Pedrinho tanto fez, tanto pediu, tanto implorou, que o outro accedeu. E ficou combinado. Comprariam o balão já feito e, á noite, no quintal, o soltariam sem que ninguem visse.

Plano traçado, plano executado.

(Continúa na pag. seguinte)

A' noite, emquanto a petizada, nas salas e nas ruas, riscavam phosphoros de côr e accendiam rodinhas, Pedrinho e Juca, muito attentos, muito afobados, lá no fundo escuro do quintal, enchiam o balão e punham fogo á "buxa". Dahi a pouco, o sonho do pequeno se foi realizando: o balãozinho, catita e leve, tomava fórma, abahulava-se, enchia-se garridamente. E Pedrinho, com os olhos muito abertos, as faces

BALÕES

(Continuação)

illuminadas de alegria, viu o "seu balão" galgar o espaço friorento. Nesse momento, si elle tivesse olhado para o seu companheiro, haveria notado um sorriso velhaco a arregaçar-lhe os labios. Mas elle nada via em tôrno. Suas pupillas estavam pregadas no balãozinho que subia, subia...

Mãos cahidas, labios entreabertos extatico, Pedrinho sorria embevecido, quando Juca, o endiabrado auxiliar daquelle menino bom, muito naturalmente, tirou do cinto o seu bodoque funesto. E, distendendo as borrachas, sibilou, nos ares, uma "bala" certeira. O pequeno bloco de barro varou, impiedoso, lado a lado, o balãozinho majestoso. Outra "bala" partiu, célere, em posição opposta. E o sonho de Pedrinho, desfei-

AS FILHAS DA VIUVA COSTA...

As filhas da Viuva Costa eram trez: — Magnólia, Camélia e Violêta. Dizer que essas flôres de carne humana eram as garôtas mais bellas de Botafogo é, com franqueza, uma vulgaridade banalissima, e tão ridicula que não exprime nenhuma idéa exacta. Trez demonios ambulantes, tentadores, digo eu, com muito maior significação moral.

Aos domingos, pela manhã, passeando ao longo da avenida cheia de aléas, encolmada de arvores copúdas, povoáda de banhistas, as trez, mãos dadas, vestidas á Jean Patou, brancas de pó de arroz e corádas de "b a t o n", passavam, fluctuando, entre a multidão, como um sôpro contagiante de b r i s a s amorosas. As suas cabeças irrequietas, como espiraes doiradas de fumo loiro, ondeando, perfumadas, num hálo de graça e de belleza, eram, entre as outras, como si um nymbo mysterioso e divino enluarasse essa luz vaga e indefinida, que me deslumbrava e commovia quando ellas me olhavam.

Todas ás manhãs, e ás noites santificadas, eu ia, ali, contempláIas, num recolhimento devoto que a arte me inspirava e o fremir da carne me impellia na sua fraqueza galante.

— Trez demonios!... Lindas demais para perderem os homens, e, bellas demais para que elles pequem, — pensava, commigo, ao vêl-as andando.

Para o meu sibaritismo amoroso, era tudo aquillo, um sonho de desejos irrealizaveis. Assim, contemplei-as, mezes inteiros, até que um dia senti estar apaixonado perdidamente por uma dellas. Eu amava, não ha duvida, as outras duas, mas, a m ô r verdadeiro, agudo, dominante, nascido do mais fundo dalma, eu juro, só sentia por Magnólia, a mais nova das trez.

Para o meu capricho de homem exigente, dado ao requinte esthetico da perfeição feminina, ella se me afigurava a mais gentil, a mais culta, a mais meiga, a mais bem feita, a mais sensivel, a mais altiva, — emfim, entre todas, — a mais mulher.

Magnólia não era alta nem baixa, nem magra nem gorda.

Era um typo genuino de *fausse maigre*, como chamam os francezes. No corpo ella era de uma delicadeza impressionante, e, na voz, tinha modulações de "uirapurú" cantando. Seus o l h o s grandes, redondos, pestanúdos, de um azul celeste claro, quasi diaphano, possuiam purezas crystallinas de lagos adormecidos, boiando á claridade anilada de suas aguas, cambiantes luminosas de estrellas s c i n t illantes. Sempre vivos, guardavam tal encanto e tão grande majestade, que todas as minhas duvidas e incertezas se desfaziam deante delles.

Nunca me cansei de vêl-os e, até hoje, ainda não sei dizer quando foi que os vi mais bellos, mais serenos e mais dominadores. O seu cabello flavo, da côr doirada do milho verde, no seu conjuncto encrespado, fôfo, era como um reflexo liquido de oiro, cascateando do fagulhantes crystallizações balsamicas de sol. Nelle, eu sentia que havia resplandecencia de primavéra crepusculos luminosos de verão e auroras frias de inverno, relampejando pulverizações magnéticas de luares tropicaes.

A cabeça era pequena, de uma elegancia

BALÕES

(Conclusão)

to tão brutalmente, veiu rolando, rolando, sem governo, desarvorado, incendiar-se cá em baixo...

Os dois sozinhos naquelle canto, defrontaram-se. Nos labios de Juca um sorriso de escarneo, de menosprezo. Em posição de luta elle esperava que o outro reagisse physicamente. Enganára-se, porém. Pedrinho, com uma piedade enorme a lhe fluctuar nos olhos bons, a voz entrecortada pela emoção e pelos soluços, encarou-o fundamente, como si quizesse ver-lhe a negrura da alma e, pondo-lhe de manso a mão no hombro, reprovou-o com um senso que não era para a sua verde idade:

— Como és mau! Como eu tenho pena de ti! Não sabes o que fizeste! Que mal te fez o meu balãozinho tão lindo?... Com o teu bodoque perverso, puzeste abaixo a minha grande alegria de S. João!

Nas ruas continuavam os estouros dos fogos. Os meninos riscavam phosphoros de côr e accendiam rodinhas. O riso corria toda a cidade venturosa. E, lá no fundo escuro de um quintal, ao sopé de um muro, um bodoque quebrado, e dois rapazinhos, abraçados, choravam...

De Adaucto Fernandes

morphologica impeccavel, verdadeiramente classica, só commum á estatuaria grega, encimando um côllo de immensa brancura cysnica, que mais harmonizava a perfeição roliça dos hombros. A cintura delgada, estreita, apertando em lyra, era um acabamento vivo de arte á Miguel Angelo. E os pés!... Ah! que lindos!... Rosados, macios, polpúdos, tinham, como os das outras duas, a proporcionalidade dos de Venus de Médicis, como nunca eu vira nas outras mulheres.

Magnólia não era simplesmente bonita... Era mais do que bella, porque era deslumbrante, fascinadora. Verdadeiro demonio com as fórmas de um anjo. Demonio, sim, e demonio de carne, vestido de sáias, é, realmente, o unico termo que exprime com exactidão tudo o que ella era. De rosto oval delicadamente meiga, simetrico, pállido, romantico, com as dengu i c e s disfarçantes de uma nova Madame Bovary, dava-me a impressão de uma imagem de santa fazendo o milagre das traições amorosas. Os labios, porém, abriam, á pequena e bem feita bôcca, uma fita vermelha, como uma petala de rosa, de côr segura, intensamente, viva. E que dentes!... Eram meúdos, alvos, transparentes, sem que houvesse um maior que os outros.

Toda essa mulher carioca, maravilhosa e divina, de pernas e braços r o l i ç o s, torneados, collo proeminente, abria-se numa expressão franca de anjo e de menina, que me não é possivel descrever. Séria, num simuláoro constante de retrahimento e honradez, quasi nunca ria. Mas, quando o fazia, ah! meu Deus! nem sei que de santa melhor houvesse rido.

Vêl-a na avenida, na rua do Ouvidor nos cinemas ou nos theatros, vestida e calçada elegantemente, sempre pela ultima moda, com a bóina de veludo cobrindo apenas a metade da cabeça, — somente para tapear, — era ter, deante dos olhos, alguma coisa de celestial, mais puro e mais sublime que uma encantadora mulher. Assim era Magnólia, com os seus 17 annos.

* * *

Depois da nossa intimidade, durante um mez, eu a amei quanto me foi humanamente possivel amar. E, só agora, depois de tanto tempo, sei-o, confrangido: amei-a quasi nada! Como eu era tôlo, bobinho mesmo... No delirio agudo da paixão, a minha doidice sentimental, por ella, então, parecia-me insaciavel, infinita. Mas, amando, como me amou, Magnólia nunca foi feliz. O destino, caprichoso, voluvel, negára-lhe todas as opportunidades para que o fosse. Entre os nossos habitos e cultura, havia uma differença profunda. Dahi a razão por que ella, como o commum das mulheres, se habituou a ver no amôr uma méra impulsão organica, filha da consequencia logica e brutal da fraqueza perfumada de seu sexo.

Um dia, disse-lh'o a ella, e disse-lh'o claramente:

— Vivemos de dois modos... Eu, pelo espirito... Você, pela carne. Depois, conclui: Eu desejaria que você fosse exclusivamente minha... eu seria exclusivamente seu.

E, deante um do outro, ficámos desencantados, mudos, cheios de aprehensões, sem saber por onde começou. Pensávamos coisas diversas,

(*Cont. na pag. seguinte*)

antagonicas... Eu, nella somente, e ella... Ah! com franqueza, eu não sei em que ella pensava. Podia ser que fosse em mim, no nosso amôr, na nossa vida, na minha fraqueza amorosa, ou até mesmo no seu expansivismo de gigolête, — mas, não m'o disse, e eu tive medo de perguntar. Com as mãos presas ás minhas, sem tentar libertal-as, só depois de alguns minutos, attrahiu-as para si, apertando-as, freneticà, num gesto franco de contrariedade. Foi ahi que Magnólia me falou, ponderadamente, pesando bem as palavras, com os olhinhos fitos no chão.

— Jamais pensei que você me exigisse tanto. Nunca suppuz que um homem da sua cultura moderna me devesse querer com tanta exclusividade. O amôr deve ter outra feição, outra maneira de ser. Assim é exclusivismo, propriedade privada... Que é da liberdade amorosa que você prega?

— Então, você acha...

— Eu, propriamente,

AS FILHAS DA VIUVA COSTA...

(CONTINUAÇÃO)

não acho nada. Apenas vejo que você é um grande escravocrata do amôr privado. Entendo que, em materia de sentimentos affectivos, ainda não podemos criar um limite, nem impôr uma barreira ás coisas do coração. O amôr moderno é uma transacção momentanea, sujeita unicamente á lei economica da offerta e da procura. Do contrario, seria recuar a evolução, impondo uma renuncia voluntaria a esse direito que é meu, que é seu, e que nos leva a variar de gosto e de attitudes. Nada, meu amigo, como a liberdade. Se você entende que o amôr é isso, então, para que me amou?

— Mas, eu não entendo nada... Apenas emitti uma opinião...

— Nesse caso, por que não me ama livremente?!

* * *

Já era tarde. Dirigimo-nos para casa. A' porta, quando eu ia entrando, ella, num gesto brando, conteve-me á distancia.

— Como! Não permitte que eu entre?

— Esta noite, não.

— Por que?

— Porque... Porque...

E, rindo, pegou-me pelas mãos, attrahiu-me para si, e, bem baixinho, quasi ao meu ouvido, concluiu:

— Hoje, é impossivel!

E entrou rapida.

* * *

Desde que começava o nosso amôr, foi essa a primeira noite em que voltei contrariado para o meu apartamento. Passei uma madrugada horrivel. Sentia que me faltava qualquer coisa, que eu não sabia o que fosse, e que só Magnólia teria o direito de m'o dizer.

BALÃO QUEIMADO

Por este fim de junho, tiritando
Em meio á nevoa que ha pelo caminho,
Rumo á lide me vou, com o passo brando,
Que o pardal ainda não deixou o ninho...

Molha-me o orvalho, que ficou bailando
Pelo folhedo, no hervaçal damninho.
O frio me flagella... Eis, senão quando,
Em farrapos, me surge, alli, sózinho,

(Desprezado que foi por uma estrella),
Um vulto de balão, de rojo pela
Erma estrada em que vou. Ruina, destroços!...

— Homem! Assim o fausto, assim a fama:
Pensa no orgulho cego que te inflamma,
Na terra um dia alvejarão teus ossos!

BENEDICTO CESAR

AS FILHAS DA VIUVA COSTA...

(CONCLUSÃO)

No dia seguinte, á hora do costume, quando fui vêl-a, encontrei-me com a Camelia. Estava só, muito triste, no mesmo banco em que a irmã me esperava todas as noites.

— Que é da Magnólia?

— Foi ao cinema com o Americo.

— Americo!

— Sim... São noivos... Você já devia sabêl-o.

— Mas, Magnólia...

— E' mulher como as outras, interrompeu-me, rindo.

Só ahi, deante da evidencia flagrante da realidade, foi que percebi a minha ignorancia. Mas, contive-me. Fiquei firme ao lado de Camelia. Quando voltei, estava certo da minha cegueira. Camelia era em tudo muito mais bella que Magnólia. Com os seus 18 annos, dava-me a impressão de uma nova Magdalena Biblica, toda candura, toda innocencia. Em meio do meu deslumbramento, e, deante do abandono da outra, não foi difficil prender-me aos seus effluvios. Nas noites seguintes, eu fui com ella a toda parte, admirando-a demoradamente, encantado. Como eram macias as suas mãos!... Parece-me que tinham *frissons* nervosos de pennugens... Nunca mais Camelia faltou aos nossos encontros. Todos os meus risos vinham della, e toda a minha felicidade era inteiramente sua. Durante esse intimismo, ella me contou todos os seus sonhos, e essas illusões, provindas da malicia e da trahição, accenderam-me a sensibilidade, apagando-me as ultimas lembranças de Magnólia. Como fui criança!... Oh! de que e com que é feita a sinceridade do amôr das mulheres... Para que foi que ella jurou? Uma noite, Camelia tambem desappareceu mysteriosamente. Em seu logar, quando lá cheguei, encontrei apenas a Violêta, a mais velha das trez... Banzei de decepção e tive receios de perguntar... Não seria gentil... E, deante do meu espanto, foi ella quem explicou:

— A Camélia foi ao theatro, com o Juca... Estão noivos...

— Noivos?!...

— Já devia saber... Mas, eu aqui estou...

E eu voltei ás outras noites... Dahi em deante, os nossos encontros foram mais intimos, cheios de quadros commoventes e hoje, eu juro, das trez, foi Violêta a unica que me amou artisticamente. Todas as noites eu ia leval-a á casa. Mas, certa vez, quando fui buscal-a, encontrei-me, á janella, com a viuva Costa.

— Vem buscar as pequenas, perguntou-me, rindo.

— Sim, para o cinema.

— Hoje, não póde ser.

— Por que?

A viuva Costa riu amarello, e, bem baixinho, ao meu ouvido, segredou reservada:

— Os noivos estão ahi...

VOLTA

Volto. Nada mudou... É a mesma a luz que, aberta
ao mar, antes sorria e aos pés de côr se esmalta;
a mesma agua lustral que, entre begonias, salta
e em cambiantes de som num declinio se aperta!

Neblinas a cantar na montanha mais alta,
vagas de sol queimando a planicie deserta;
em torno a vibração de ninhos que desperta
e uma aria de perfume ao céu e á terra exalta!

Apotheóses de sonho a esperar-me sorrindo,
gaivotas esvoaçando ao longe sobre velas,
tudo ao redor é o mesmo, e tão puro e tão lindo!

No immutavel clarão do vosso amor sem fim,
sorvendo-nos a gloria, — esse fogo de estrellas —,
ó grande natureza, hei de morrer assim!...

W. B. DE ABREU

DEBAIXO DA CHUVA

Auguste Maritou é um sujeito fleugmatico, ainda que possúa esse nome sonoro, cheirando bem a todos os perfumes de Lavandon!

Esta noite elle vae, calmo e digno sob as gottinhas de chuva que se esmagam sob seu nariz, intermittentemente. A' altura da avenida Clichy, eil-o engarrafado. Acima da avalanche humana estagnando de repente, o bastão branco d'um agente se agita, imperioso, afim de restalebecer a circulação interrompida. Foi então que surgiu, com estupefação para Maritou, da multidão amontoada, mas que acabou por se escoar, Marius, desembarcado de hontem, e que grita:

— Té vé, Maritou! Como vae?

Sem esperar resposta, salta ao pescoço de Maritou, beija-o, enchendo-o de tapas enormes entre os omoplatas. Este morre de espanto. Em torno d'elles os klakons rangem, as buzinas berram, as pessôas discutem. Marius gesticula cada vez mais, e, com o sotaque de Marselha, elle exclama:

— Que é que quer toda essa gente?

Auguste Maritou arrasta-o, finalmente.

— Calma, Marius!

Mas o filho da Canneliére, acompanhando-o, não póde deixer de protestar:

— Calma! Calma! Ora, tens cada uma!... E si eu estou tão contente de te encontrar! Um velho companheiro! O pequen. Maritou de outr'ora! Lembraste, das nossas gazetas, nossas escapadas ao velho porto, as calças furadas e as cacholetas de Proserpine, á vendedora de peixe a quem pregavamos peças!

De braço dado com o companheiro, Marius continúa. Auguste Maritou, envergonhado com essa verborrhéa — a mesma, aliás, de sempre que se encontram, — aventura apenas, de tempos em tempos, algumas syllabas.

No emtanto, a chuva cahe e vem suffocar a onda de eloquencia. Os dois amigos apressam-se em direcção a um terraço de café, para se abrigarem. Ha uma hora que alli estavam, deante d'uma mesa esperando o fim da borrasca. Marius, cuja inquietação natural arrasta, se impacienta e diz:

A gente não póde se divertir aqui, sem ser incommodado pela chuva! Trovoada de toda sorte! Isso aqui não vale o Sul, com o sol que ri, que aquece,

De Jacqueline Dornier

que te faz cocegas e faz estalar os ossos de prazer. Té! Mariton... Porque não vens viver em Marselha?

— Ah! meu velho, os negocios!

— Ora, os negocios!

O outro sem terminar o pensamento, que ficou nebuloso:

— Effeito do quarto copo absorvido.

Sentada a alguns passos, uma mulher loira, que até alli não haviam notado, se volta. Visivelmente, dá mostras de agitação. A curiosidade de Marius, sempre accesa, aguça-se. Mas a dama, muito depressa, volta a cabeça e, juro, aquelle vestido preto, a pequena veste e o chapéo vermelho, tudo isso, não lhe diz nada: ha, no mundo, tanto vestido preto, e tanto chapéo vermelho...

No emtanto, attrahido como por um namorado a dama esboça um novo quarto de movimento rotativo e Marius, que a observa, dá uma cotovelada, em Mariton:

— Diga, — faz elle... — Conhece-a?

— Não creio.

— Então! Que quer ella commigo? diz elle, pretenciosamente, depois.

Pois está certo que é elle, Marius, que interessa á mulher, e não Mariton. O demonio leve nunca adormecido no seu coração, sopra um capricho: Marius sente-se um tantinho amoroso da loira desconhecida.

— Mariton, porque não a convidamos? sugere elle, audacioso.

— Hum! Sabe... ella tem um ar respeitavel! E', sem duvida, alguem que espera uma pessoa.

E eis que com surpreza para elles, a dama loira se levanta, vem a elles, e, dirigindo-se a Marius:

— Eh! Não me reconhecem?

Com voz quente, vibrante, relembra ecos longinquos.

— Magali! — exclama, então, Marius, como... tu! E's tu! Como estás mudada!

— E' verdade! Eu era morena e socada agora estou loira e fina!

— E sempre bonita! accrescenta com enthusiasmo Marius.

Mas que é feito de ti?

— Ah! E tu?

— Eu? Celibatario, sempre! Ahi está! Deixa apresentar-te um camarada!

Mariton levanta-se, inclina-se:

— Meus cumprimentos, senhora!

Os tres juntos, tornam a sentar-se. Dividem a meada de recordações:

(Continua na pag. seguinte)

DEBAIXO DA CHUVA

(*Conclusão*)

— Imagine, explica Marius a Mariton, uma lavadeirinha de Marselha, que eu cortejava n'aquelle tempo!

— E que evoluiu! Já não me chamo Magali! Eu sou Flora, a fantasista... Flora, dos *Ambassadeurs*... ouviste falar?

Como elle ficasse calado, ella prosegue:

— Tu te lembras, Marius?

Ella abaixa as palpebras, depois volta para elle um rosto perturbado: é toda sua mocidade que emerge assim, seus dezesseis annos de filha do sol, de desejos novos, ardente e bella!

— Magali, suspiraste.

— Sim, foi culpa tua! responde ella, á muda censura! Si tu tivesses querido, eu não teria partido! Oh, eu sei... não tinhamos vintem... Então, o novo hesita, a coragem falta!

— Mas eu te pedi a tua mãe!

Magali, de repente muito pallida:

— Hein? tu...

— Sim! Ella poz-me porta a fóra, affirmando que estavas compromettida!

A tardia revelação fére de estupor Magali.

Ella sonha: "Por que, por que minha mãe fez isso? Sem duvida, eu era bem joven! Marius não lhe agradava absolutamente?" Ella reanimou-se:

— Ora! Não sou infeliz.

Talvez fôsse melhor assim?

Ella reflectiu a que insignificante razão, ás vezes, está preso o destino, quando deante d'ella surge uma silhueta familiar:

— Francisco! Emfim! exclama a joven.

Magali recebe o recem-vindo, tomando-o pela mão:

— "Patricios" informa ella

Depois, voltando-se para elles, amavel:

— Senhores! Tenho a honra de apresentar-lhes meu noivo.

A passos avelludados, a noite installou-se. As avenidas, ao norte da cidade, em linha recta, se estendem. As azas do moinho gyram lentas acima d'um cinema que flammeja. Certo mysterio paira nos cantos; certa loucura mistura-se ao vento.

E entre o vae e vem dos pedestres, das carruagens, os gritos, os risos, os appellos estridentes, os signaes epilepticos ao rythmo syncopado, as arias do jazz ondulando na humidade; por entre o guincho dos freios, da ferragem, numa algazarra rodante e trepidante — tudo isso confuso, chocando-se, manifestação intensissima de vida — Marius, melancolico de repente, olha afastar-se, sob a chuva que persiste, um par feliz: Magali e seu noivo.

Emquanto isso ao seu lado Auguste Mariton observa-o, serenamente.

— São irmães gemeas?
— Não; são duas amigas que frequentam o mesmo instituto de belleza...

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL
SECÇÃO

J. C. F. (R. G. do Sul) — Agradeço-lhe o conceito que forma sobre a minha pessôa.

Quanto á sua collaboração, ainda a não recebi.

LYGIA ALVARES (E. do Rio) — Francamente, não entendi os seus versos, feitos de exclamações mais ou menos emphaticas.

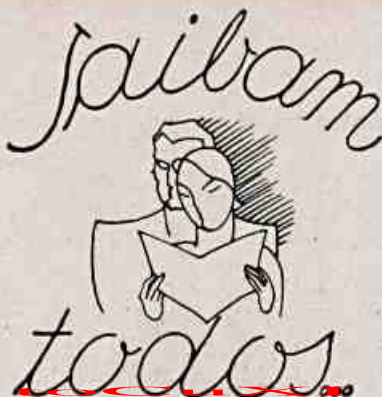
ANTONIO HENRIQUES (Sergipe) — Aqui está a sua carta alegre e sympathica:

"Caro Ives.

Saude.

Segue esta fotografia, oferta do: — *Ninho dos Gaviões*, sociedade recreativa local, a FON-FON, com os seus melhores votos de felicidade, pela passagem do seu 25 aniversario.

Ninho dos Gaviões, é uma das sociedades recreativas mais animadas de Sergipe, com séde e fôro nesta cidade de Laranjeiras do Estado federado de Sergipe, *na forma da Lei, etc....*"

Na ultima *Mi-Carême* o dito conjunto deu "*na cabeça*" das demais, tornando-se hoje o bloco *lider* do nosso "*bélo séxo*". E' um Cordão "*de Verdade*"... E os seus componentes estão avidos pelo futuro numero de FON - FON com a estampa da "*Tropa*".

Não sei se você, é mesmo o encarregado da presente secção; entretanto.... no caso negativo, faça-nos o obsequio de fazer chegar o nosso desêjo e o nosso "*presente*" ao *departamento competente ai.*

Você tambem é nortista portanto...

Contamos com o auxilio do maravioso e impiedoso (Na "*Saibam todos*", apênas, já se vê) pernambucano.

Parabens pela nova creação "*Uma Garçone Carioca*" que já temos.

— E a Lita? Deste-lhe uma resposta "*braba*"! Xi-iri...

Hurra! FON - FON!

Antonio Henriques".

Infelizmente, a photo que nos enviou não dá reproducção. Está mal focalizada e as imagens, ampliadas para *cliché*, ficariam confusas.

Sendo jornalista, como é, o sr. deve conhecer essas particularidades do serviço de *clichés*.

De resto, — como está fóra da época, a referida photo!

Em todo caso, queira acceitar, em nome do Bloco dos Gaviões, as minhas sympathias e homenagens.

NABOR SANTOS (S. Paulo) — Não posso attender o seu pedido. Desculpe.

ZELIA (S. Paulo) — Uma cartinha verde-esmeralda, e de uma paulista! Com o inverno, ellas voltam de novo. Antes assim.

Vejamos o que me escreve v. ex.:

"Snr. Yves.

Pôssa a minha carta chegar ás suas mãos em bôa hora e seja ela recebida, não com o sorriso ironico que empresta ás suas criticas, mas, com o olhar de benevolencia que mereço devido ás rosas de meus dezoito anos...

Venho lhe pedir que faça um estudo grafologico de minha pessôa e espero que, para isso, sirva-se desta minha carta.

As minhas amigas envolvem-me toda num véo de mistério e julgam-me um verdadeiro enigma. Deus queira que o Snr. Yves pôssa decifrar os traços de meu caráter, que eu mesma, ás vezes, custo para descobrir.

— Que sou muito atrevida eu o sei, pois, quando tinha quinze anos (Estava então no 1.º ano da Escola Normal) tive coragem para fazer uns versos que publiquei no jornal de minha terra.

Veja só se isso não é atrevimento!!!

Hoje, tenho vergonha de meus proprios versos!...

Peço-lhe que me desculpe por ter-lhe escrito assim com tanta familiaridade.

Agradece-lhe, *Elzie*".

A sua letra revela um temperamento exaltado, mas simples. E' franca, decidida e autoritaria. Quasi sempre é meiga, docil e accommodaticia. Faculdade de expressão. Clareza de idéas. Muita manha e alguma affectividade.

Mas, por favor, não diga a ninguem que fiz o estudo de sua le-

tra, mesmo em resumo. Senão as "outras" não não me deixarão socegado.

UMA EXQUISE (Capital) — O seu questionario está confuso, complicado e não precisa os seus itens, não consubstancia nada.

Pergunta v. ex.:

"Yves, qual será a mulher ideal? A que nasceu para construir um ninho, tornado mais feito de plumas que de penas, cheio de gorgeios alegres e passaros chilreadores, ou a que preferiu a placidez dos lagos e um cysne eternamente ao lado? Qual o amor mais louvavel: da que constróe, se multiplica, communica e exhala a sua felicidade, ou d'aquella que, concentra-se sem dar expansão a sua ventura, contentandose apenas, com o seu sonho real: viver ao lado da sua alma, do seu complemento?!

Qual será a mulher ideal? A optima mãe, a excellente dona de casa, ou a doce esposa?

Qual das três, prende mais o homem?

A primeira, edificou, fundou a familia, converteu um grande amôr num ideal; quando a sua missão estiver completa, ella póde descansar, pois deixa uma herança e uma obra que será continuada. A segunda, a mulher do lar, é a que deixa em cada canto, um gesto seu, um sorriso, uma graça, um espelho austero empoado ou lambuzado de carmim, uma secretaria secca e sevéra, ostentando um mómosinho com um risinho de debique, escondido num porta retrato, rosas frescas, uma almofada confortavel, e tudo o que só mãos femininas sabem dispor!... A mulher esposa, a que vive embalada por um sonho, só tem um fito, é toda exclusivista, ninguem mais no mundo, a não ser o seu "cysne", que é o seu unico objectivo; vive para compreendel-o, e augmentar cada vez mais o seu amôr!...

Yves, esta é a segunda vez que arrisco, investigar-te o pensamento; da primeira, fiquei com o animo um pouco abatido, pois, apezar de responderes-me gentilmente, pretextaste "falta de espaço", para te esquivares a responder-me; mas, désta vez, sinto-me mais resoluta e disposta a combater!...

Yves, é um dever de caridade, soccorreres a este pobre cerebro, que se debate na duvida; mais uma vez, deves mostrar como és cavalheiro, respondendo a

Uma Exquise".

Resposta: A meu ver, no seu inquerito, só ha um typo classico de mulher.

V. ex. pretendeu apresentar tres personalidades distinctas; mas, as caracteristicas que lhes empresta, as irmana e confunde.

Si v. ex. me pintasse, por exemplo, tres typos diversos, poderia inquerir:

Qual o typo preferido:

a) a mulher typicamente burgueza, que vive para o lar, isto é, os filhos e a cozinha; b) a mulher de idéas modernas, intellectual, por excellencia, escriptora, companheira-amante, camarada sincera de intensa vida mental, adorando o seu marido, outro intellectual ou a mulher que é um meio termo entre os encantos, as exigencias de uma vida essencialmente intellectual e a vida domestica, digamos mulher illustrada, de espirito requintado, mas, sobretudo, mulher, — capaz de amar com devoção e ternura, e de viver com deslumbramentos estheticos?

Eu diria: esta ultima é a verdadeira mulher para o lar.

Entretanto, ahi fica um thema para a divagação das leitoras bonitas do "Saibam todos..."

Tenha a palavra a mais arguta.

MARINA (Capital) — Oh, muito agradecido pelo seu presente. V. ex. é de uma *verve* infinita. Acho muita graça nos commentarios que faz sobre a minha secção.

Diga-me com sinceridade: foi v. ex. que me telephonou, sob o pseudonymo de *Edelweiss*, e, depois, sob o de *Greta Garbo*? Ha muita analogia entre os commentarios que ellas fizeram e a sua carta côr de pervinca...

DALILA P. (Minas) — Seguiram pelo correio, sob registro, varios numeros de FON-FON, que me pediu. "O Suave Enlevo" e "Uma 'garçonne' carioca" estão á venda em todas as livrarias de Bello Horisonte, de Porto Alegre, de S. Paulo e do Rio. Aqui, encontral-os-á na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166 e Livraria Flores & Mano, a mesma rua, 145. O primeiro custa 4$000; o segundo, 6$000.

YATAPU (Piauhy) — Enviei, via-postal, o exemplar de "Uma 'garçonne' carioca", que me pediu. Vamos agora a sua carta:

"Yves. Affectuoso abraço. Li a sua *Philosophia carnavalesca* no FON-FON n. 5 e achei-a de muita verve. E não podia deixar de ser chistosa uma vez que foi traçada pela maestria de sua rutilante penna. No momento, porém, em que punha os olhos no logarsinho onde você disse assim — *nem você, nem qualquer outra mulher necessitam de mascara*

(*Conclue na pag. seguinte*)

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

• • •

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON - FON — 25 - 6 - 932

Data da consulta..............

Nome da consulente............

....

UM HOMEM PRATICO — Que fazes ahi, homem, agarrado a esse póste?
— Como tudo começou a rodar, agora, estou esperando que minha casa passe, para entrar, e, assim fico livre da caminhada...

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

para fingir aquillo que não são —, ouvi a victrola do visinho que executava esta chula:

Mulher é bicho manhoso,
Tem manha por todo lado;
Quem se mette com mulher,
Acaba todo estragado!...

Ora, já se viu que coincidencia e que tamanha irreverencia?!... Occorreu-me perguntar-lhe, Yves, a você (peço desculpa da ousadia e massada), que é o psicologo mais amoroso no dizer de Thais (e mais fino digo eu) o que me dirá da rasão de tanta chocarrice em que vão envolvendo a mulher? Porque tanta irrisão para com a mulher? Porque o humorismo tão estoico e picante sobre o sexo fraco? E porque o homem em detrimento dos conceitos expendidos a toda hora nos seus devaneios literarios a busca, enfrentando as vezes para adquiril-a os mais graves obstaculos? Não a conhece? Não sabe de sua *hipocrisia*, dos seus *fingimentos* e do *estrago* a causar?

Não conclua meu caro (perdão pela intimidade), que me inculco advogado do bello sexo. Não. Deus me livre. Se delle tenho recebido grata sinceridade nem por isso deixei de fazer jús a bem bôas desillusões, razão por que a nossa conta não mostra *saldo*.

Espero a sua opinião a respeito pelo "Saibam Todos" do apreciado FON-FON."

Meu caro. Eu só falo mal das mulheres por attitude literaria. Não é que lhes queira mal.

Sou contrario a tudo quanto é lugar-commum e mediocridade. Não gosto de fazer o que toda gente faz. "Jamais de la vie".

Assim, como é commum os homens elogiarem a mulher, com o intuito de conquistal-a, eu, para conquistal-a, faço como a raposa e as uvas de La Fontaine...

Percebe?

Ha escriptores que dizem:

"No dia em que vi o teu sorrisinho, fiquei louco pela tua boquinha. Desejei tomar-te a mãosinha côr de rosa e, carinhoso, abraçar-te o corpinho de bonequinha e, lentamente, num extase demorado, encher-te os labiosinhos de beijinhos de amôr"...

Outros escrevem:

"No dia em que vi o teu sorriso, procurei fugir de ti, afim de evitar a mentira da tua bocca feita de rouge e tentação, cujos beijos tresandam a hypocrisia e devem ser corrosivos como o bichlorureto de mercurio."

Estou certo de que uma mulher intelligente, julgando o segundo, dirá: "E' um estupido!... O outro é bomsinho — coitado! Mas está muito piégas, cheio de *inhos* e de *inhas*... Prefiro o estupido..."

Meu caro, é essa a psychologia feminina. Não se illuda com as Evas. Quem tem razão é Vargas Vila.

A FORÇA DO HABITO — O viuvo que regressa, tardiamente, do enterro de sua mulher...

J. (S. Paulo) — O sr. escreve com certa correcção. Mas é infantil. Pelo menos a sua collaboração *A Volta* revela essa infantilidade. Ha coisas banalissimas e sediças no seu conto. Exemplo: "Lá do ceu minha mãesinha verá minha desobediencia em regressando para essa terra que lhe tinha sido a causa de todo o soffrer."

O *Fon-Fon* não é revista de collegial.

MARIA LUCIA (S. Paulo) — Preliminarmente, quero agradecer-lhe os elogios que teve para o meu romance "Uma garçonne carioca". Não reproduzo as suas palavras porque seria cabotinismo irritante. Irritaria, certamente, os meus inimigos e os mediocres que não se conformam que um escriptor tenha o seu logar debaixo do sol.

Quanto ao commentario que faz sobre o facto de eu applaudir hoje um collaborador a quem hontem negava merito, é signal da minha imparcialidade e mostra que não tenho inveja de ninguem. Apenas isso.

O facto de achar que um escriptor não merece hoje o meu elogio não quer dizer que amanhã eu o não applauda, — mesmo notando que elle é digno do meu applauso.

YVES

Dr. Antonio Austregesilo.

Dr. Miguel Couto.

Dr. Aloysio de Castro.

Dr. Fernando Terra.

A affirmação valiosa de cinco eminentes professores da medicina brasileira basta para consagrar o triumpho de

o excellente preparado pharmaceutico que supprime a transpiração das axilas evitando assim que se extraguem os vestidos e fazendo desapparecer como por encanto, o mau cheiro caracteristico do suor.

Dr. Werneck Machado.

Maravilhoso preparado pharmaceutico que, sem prejudicar a saúde, secca o suor das axillas, tira o seu natural máo cheiro, supprime o uso dos antigos suadores, evita que os vestidos, ternos e roupas finas se estraguem e rasguem com o suor. Ninguem mais apparece fazendo a impressão de não ser pessôa asseiada. MAGIC é economico: um vidro dura seis mezes. — Vende-se nas Pharmacias e perfumarias. — Pedidos e prospectos, a Araújo Freitas & Cia. — Rua dos Ourives n. 88 — Rio. Preço 7$000, pelo correio mais 2$000.

ROMPIMENTO

POSITIVAMENTE, mme. Rancier não havia marchado com o seculo. Tinha, sobre as questões conjugaes e familiares, uma maneira de vêr que em nada se parecia com a desenvoltura de muitas de suas contemporaneas, e ella se revoltava á idéa de que os filhos pudessem não lhe seguir o exemplo, como ella fizéra tomando por modelo os seus ascendentes.

— As bôas tradições agonizam! — suspirava ella, a todo instante. Os filhos de hoje pretendem ultrapassar aos paes e as filhas só querem é emancipar-se. Essas deploraveis tendencias, não se verificam em nossa casa, felizmente! Não afrouxo a rédea ao pescoço de meus filhos e não permittiria jamais que elles me contradissessem e enfrentassem a minha autoridade.

Assemelhando-se nisso — nisso somente — á sogra do celebre advogado Lachaud, que declarava: "Sou a mais feliz das mães; tendo um genro de que todo mundo fala e uma filha de que ninguem se occupa", ella repetia a cada passo: "Hypolito estará nas suas meias como o pae e Marcellina saberá governar a sua casa tão bem quanto eu dirijo a minha".

M. Rancier, esta-se a vêr, era fabricante de meias e mme. Rancier era uma perfeita dona de casa.

Era verdade que Hipolito não alimentava outra ambição senão secundar o autor de seus dias e lhe succeder. Era rapaz que não encarava a vida como um romance e que, segundo a expressão popular, não tomava a nuvem por Juno.

Elle acabava o serviço militar sem ter soffrido penalidade, como havia sido um alumno que nunca merecêra um beliscão, como seria um homem que seguiria seu caminho evitando as más companhias e os embustes.

Ao contrario, Marcellina sonhava uma existencia menos regular. Casar-se com um humilde funccionario ou qualquer modesto commerciante não a tentava muito, por melhores que fôssem as qualidades desse esposo.

Ella queria amar, ser amada e, tanto quanto possivel, sem que a mediocridade financeira matasse as suas aspirações. Era, de resto, bonita, attrahente, nada tola e bastante inclinada ao *flirt* quando o olhar materno, por acaso, não a prohibia.

Emquanto que ella estabelecia planos, amadurecia projectos, sopitava as victorias, a mamã continuava a pregar-lhe sermão:

— Convence-te, minha querida, de que quanto mais timida, reservada, envergonhada, te mostrares, mais descobrirão em ti a verdadeira e pura donzella, mais occasião terás de agradar e de vir a saber que nos pediram a tua mão. Sobretudo, oh!, sobretudo, evita imitar as atiradas, ao açanhadas, no desejo de se fazerem salientar pelos moços, com as suas maneiras pedantes e faceiras. Só fales quando te interrogarem, não encares nunca as pessôas; ao contrario, olhos baixos e confia em tua mãe para te descobrir o homem digno de ti.

Marcellina concordava, com um ligeiro movimento de cabeça, e mme. Rancier era céga á malicia e. — um sorriso esboçado, á ironia duma bocca encantadora.

E ella teve a hypocrisia de simular um enorme espanto no dia em que, cheios de orgulho, os paes lhe annunciaram que o herdeiro dos Mutin-Gaillard (couros e pelleterias em grosso) aspirava a honra de vir a ser o seu genro.

— E' possivel? murmurou ella. Elle, tão rico! E, além disso, tão bello!

— Ora essa, parece-me que tu tambem não és de todo má! — interrom-

peu mme. Rancier. De resto, Emile Mutin Gaillard é bastante intelligente para comprehender que a sua fortuna te assentará como uma luva... Então, querida, qual é a tua resposta?

— Deixe-me reflectir, um pouco, disse a finoria. E' tão grave essa coisa de a gente se amarrar! E tantas vezes, me accenaste, cara mãmã, com os deveres do casamento!

No dia immediato, com certo tremor de voz, ella declarou a mme. Rancier que podia, realmente, contribuir a felicidade de Emile Mutin Gaillard.

Seguiram-se logo as brilhantes festas do noivado, profusão de flôres em casa dos Rancier, um esplendido annel no dedo de Marcelina e o prazer de embarcar, de maravilhar as relações em peso.

— Confesso que, si eu não houvesse applicado a Marcelina os principios que empregaram antigamente para a minha educação, si eu não me obstinasse em que ella se conservasse uma refinada ingenua, os Mutin-Gaillard teriam feito guerra á perspectiva de tel-a por nora.

Ao contrario, é evidente a satisfação delles. Quanto a Emile, é porque Marcelina é um arminho branco que elle está assim embeiçado, repetia mme. Rancier, ao marido.

Ai della! No seu papel de mãe vigilante, havia de ir mexer nas gavetas de Marcelina, na ausencia desta, e descobrir um masso de bilhetes amorosos, assignados todos com o nome de Emile.

Por que milagre Marcelina havia recebido essa correspondencia clandestina? Sem duvida, o monstruoso Emile lhe mettia os escriptos inflammados na bolsa, ou mesmo os passava de mão em mão, ás escondidas. Em todo caso essa literatura revelava as menores intimidades a que os namorados se sentiam autorizados e a impaciencia de não mais terem que disfarçar para exprimir os seus sentimentos.

Mme. Rancier lia e a sua indignação augmentava. E, então, tinham zombado della, de sua vigilancia, de seus preceitos; bem antes do noivado official, se haviam promettido um ao outro e não esperaram para trocar promessas de ternura!

Que discurseira, quando Marcelina voltou! Mas a escala, a ladainha, a onda de censuras, tudo não foi sufficiente para acalmar a furia da valente senhora que, meia hora depois, estava em casa dos Mutin-Gaillard, decidida a puxar as orelhas do manganão do Emile.

— Juro-lhe que elle não a levará ao paraiso. Concebe-se lá isso! Elle desmoralizou a minha filha! vociferava ella, na cara dos M. e mme. Mutin Gaillard, depois de os ter posto ao corrente daquillo que ella tomava por uma catastrophe.

— Já que elles vão se casar não acha que seria mais conveniente guardar esse segredo para nós? — tentaram dizer-lhe os paes de Emile.

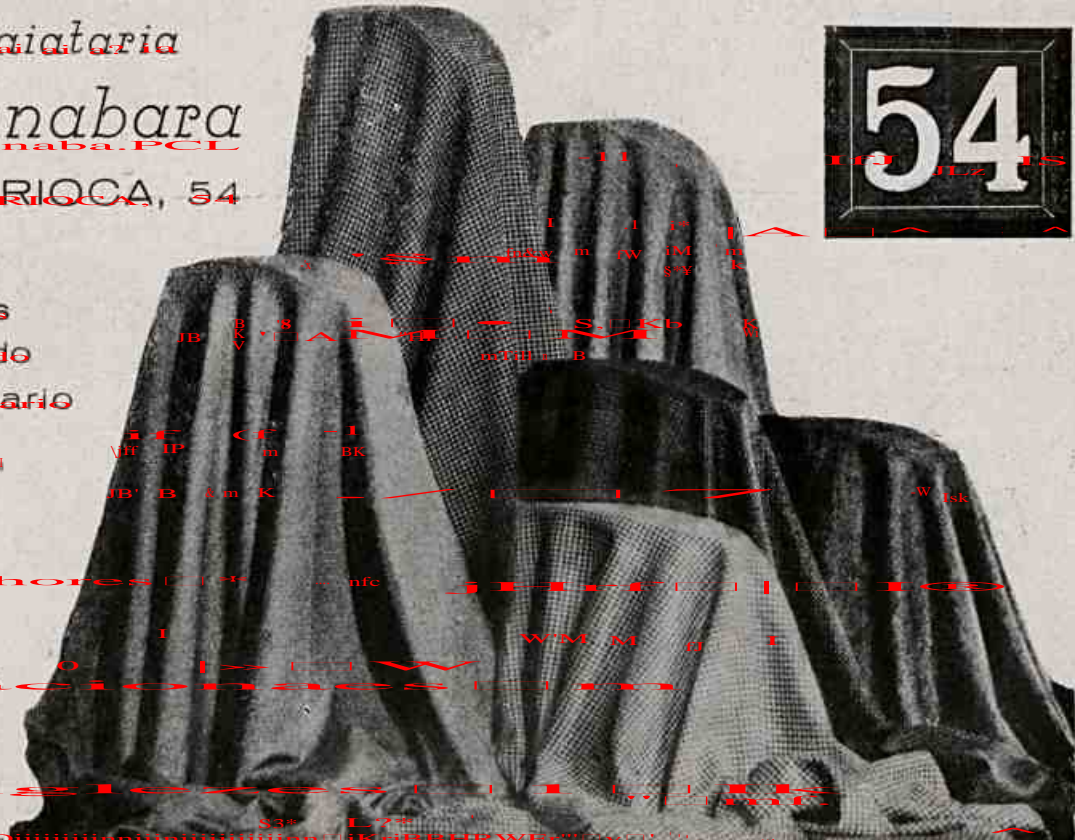
Ella era de opinião diversa e desenvolvia os seus argumentos com tal estardalhaço que, sem combinarem, M. e mme. Mutin-Gaillard, cortaram a questão:

— E' simples. Sendo Emile, segundo a senhora, uma especie de patife, nós nos oppomos dóra avante a um casamento, que equivaleria para nosso filho a ser desprezado na nova familia.

Agora, era a verdadeira catastrophe que mme. Rancier poderia evitar com uma palavra.

Mas ella não era mulher para romper a linha de conducta e isso explica que Marcelina esteja ainda para casar e que Emile preferisse despedaçar o coração a pôl-o para sempre sob a protecção duma sogra de outra éra.

JEANNE LANDRE

O CAMPEÃO

PARA terminar seu numero, Jimmy Bretagne — que nos *affiches* dos *music-halls* onde trabalhava figurava como o rei do revolver — se collocou deante de um espelho, de costas para uma mesa que supportava um candelabro acceso. E, atirando por cima do hombro, guiado apenas pelo reflexo das sete velas no espelho, apagou-as, uma após outra, com sete balas, que cortavam os pavios, sem fazer cahir as velas.

Depois do feito, e depois de ter agradecido, sensibilizado, a um publico enthusiasta, que não lhe regateava seus applausos, abandonou o scenario, e, minutos após, o *music-hall*.

Chegado a sua casa, pensando satisfeito na ceia que o aguardava, preparada, por sua companheira, abriu a porta do appartamento... e se encontrou em presença de um desconhecido, sentado junto á mesa, que não estava servida.

Uma ligeira immobilidade assignalou a surpresa do campeão de tiro. Em seguida, elle dirigiu uma breve saudação ao desconhecido, e seus olhos, indo do homem á porta do aposento contiguo, traduziram uma dupla pergunta: Onde estaria Marineta? Que fazia ali aquelle importuno?

— O senhor Jimmy Bretagne, não é verdade? — indagou o visitante. — Muito prazer, senhor. Não procure a senhora Marineta. Ella não se acha aqui.

— E onde está? — perguntou Jimmy, franzindo sombriamente o cenho.

Porque a paciencia não era seu forte, e a explicação que imaginava da ausencia de sua amiga, ao mesmo tempo que da presença do desconhecido, não era para que este lhe parecesse sympathico.

— Em logar seguro — affirmou, calmamente, o intruso. — Não tema nada por ella. O senhor tornará a vêl-a logo que entremos em um accôrdo e o senhor me houver feito o pequeno favor que espero de sua complacencia.

— Saibam que não gosto de pilherias! — advertiu Jimmy, collocando-se deante do homem, em atitude nada pacifica. — Quer dizer que raptou minha mulher para obrigar-me a executar sua vontade.

— Exactamente — replicou o homem, sem se alterar. — Mas não se irrite, caro senhor Jimmy. De que serviria? O senhor ama bastante a senhora Marineta para expôl-a ao vexame da conducta que poderia inspirar seu máo humor. Maximé quando eu, acredite, não sou mais que um intermediario, como, certamente, já adivinhou o senhor. Escute-me com calma.

— Fale! — rugiu o *rei do revolver*, persuadido.

— O senhor é um admiravel atirador. Os que me mandam falar com o senhor desejariam vêl-o executar em seu salão seu numero do candelabro. Queriam offerecer esse soberbo espectaculo a seus convidados.

— Si só se tratava disso, poderia o senhor ter deixado de raptar minha companheira! — protestou Jimmy, alliviado. — A remuneração que eu solicitaria não excederia dos gastos desse rapto. Quando deseja o senhor que eu dê o espectaculo?

— Esta noite mesmo. Vou leval-o immediatamente. Mas ainda temos que combinar alguns pequenos detalhes. Diga-me: tem o senhor confiança em seu golpe de vista? Nunca errou o alvo?

— Nunca! — respondeu, orgulhosamente, o atirador.

— Pois bem. Esta noite terá que erral-o — tornou o desconhecido.

— Si quizer evitar qualquer coisa desagradavel a sua Marineta, será necessario que uma de suas balas se aloje fóra do alvo. Não passará de uma torpeza, comprehende? Um simples accidente, do qual ninguem pensará em tornal-o responsavel.

— Uma torpeza? — exclamou Jimmy, indignado, presa do furioso desejo de liquidar alli mesmo o emissario. — Reflectiu o senhor no que me pede e nas consequencias que póde ter sobre meu futuro? Eu vivo, precisamente, de minha infallibilidade, senhor.

— O senhor será indemnizado. Aliás, bem depressa ficará esquecido esse accidente que não poderia, absolutamente, interromper a sua carreira. De qualquer modo, que significaria esse pequeno contratempo comparado ao pesar que o senhor experimentaria si nunca mais visse a senhora Marineta?

— Saberei obrigal-o a devolver-ma! — rugiu Jimmy, fazendo menção de precipitar-se sobre o desconhecido.

Este o deteve com um simples gesto.

— A sorte de sua companheira não depende de mim. Si o senhor a ama verdadeiramente, faria melhor em acceitar nossa proposta.

— Sobre que deverei atirar? — perguntou Jimmy, desalentado.

— Sobre as velas do candelabro, naturalmente — disse, sorrindo, o desconhecido. — Mas, em beneficio da senhora Marineta, desejamos que uma de suas balas se perca e tome outra direcção.

— Qual?

De H. J. Magog

— Ser-lhe-á indicada por uma cadeirinha doirada, na qual se se encontrará alguma coisa... ou alguem.

— Atirar sobre um ser vivo?! Nunca! Não pense isso de mim! — exclamou Jimmy, tremulo de cólera. — Si os senhores têm motivos para odiar e matar, por que não executam os senhores mesmos esse acto?

O desconhecido se poz a rir.

— Porque seria um assassinio, do qual teriamos que dar contas á justiça. Emquanto que, de sua parte, repito-o, não poderá ser mais que uma torpeza, ou apenas uma imprudencia.

— Não serei seu cumplice! Negome a esse papel!

— Seja! Mas, de qualquer fórma, esta noite haverá uma victima. Si o senhor salvar a que nós condemnámos, seremos inclementes para com a senhora Marineta.

— Leve-me! — disse, com voz rouca. — Farei o que os senhores querem.

* * *

De todo o salão, cheio de damas decotadas e de cavalheiros encasacados, Jimmy só via o espelho e o que reflectia o espelho. Estava fallido e nervoso, de tal modo, que, pela primeira vez, sentia tremer a mão que empunhava o revolver.

Atraz delle, collocada de accôrdo com suas instrucções, estava a mesa com as sete velas accesas. A' sua frente, o espelho devolvia o reflexo das sete luzes. Mais distante, um pouco á direita, divisava a cadeirinha doirada, na qual, conduzida pelo personagem que organizava o drama, veiu sentar-se uma joven loira.

Era sobre aquelle bello rosto que elle devia descarregar seu revolver?

Implacavel, o homem que se jactava de ter raptado Marineta o vigiava.

No espelho, Jimmy, agora livido, se viu a si mesmo apoiando o revolver em seu hombro direito, o cano voltado para as luzes do candelabro.

Alvejou a primeira e atirou. A luz apagou-se.

Por cinco vezes mais fez fogo, apagando as outras cinco velas. Só uma restava accesa.

— A ultima! — exclamou, friamente, a voz do desconhecido.

Jimmy fechou os olhos. Estava á beira de um abysmo. Que ia decidir? Condemnar Marineta? Matar a joven loira, de quem aquelles canalhas queriam desembaraçar-se covardemente, por um motivo que elle não conseguia entrever?... Repellia, igualmente angustiado, as duas decisões. Podia tambem atirar contra o miseravel que lhe infligia aquella horrivel tortura. Assim vingaria antecipadamente a morte de Marineta.

Bruscamente se decidiu pela ultima resolução, e reabriu os olhos, procurando no espelho o rosto odiado.

Um grito de alegria esteve na imminencia de escapar de seus labios. *Na cadeirinha doirada já não havia ninguem.* A joven loira acabava de levantar-se, para reunir-se a um grupo de convidados.

Sem perder um segundo, Jimmy deu ao gatilho, e a sétima bala, respeitando a ultima vela, foi fazer um buraco negro no espaldar da cadeirinha doirada, no logar exacto que lhe indicára o desconhecido, *mas onde já não encontrava o rosto da joven loira.*

— Errado! — annunciou, triumphalmente, o homem mysterioso. — Ganhei minha aposta!

— Que aposta? balbuciou Jimmy, ainda tremulo de emoção.

— Eu havia apostado como esta noite o senhor não apagaria as sete velas...

E, mais calmo, aproximando-se do campeão, ajuntou:

— Desculpe-me por ter empregado semelhante meio para obrigál-o a fazer-me ganhar. Mas a senhora Marineta me havia affirmado que nenhuma somma de dinheiro poderia decidil-o a voluntariamente errar o alvo, e que só o faria por amôr a ella. Perdôe-lhe por se ter associado a meu estratagema. Ella não poude resistir á tentação de verificar até que ponto o senhor a amava. Fez mal?

Com o rosto repentinamente pétreo, Jimmy respondeu:

— Sim... Porque em meu coração acaba de extinguir-se uma ultima luz, que não é, precisamente, a do candelabro. E' a luz do nosso amôr...

E fez um esforço supremo com todas as suas fibras para não chorar ali mesmo sua desillusão. Era o desmoronamento de toda sua fé. Não podia continuar acreditando na mulher que até então amára com paixão de idolatra. Não podia continuar acreditando nella. Marineta apparecia-lhe já como a sombra de um phantasma, como uma chimera sonhada. Ella já não podia ser a companheira de confiança, sempre abnegada e devota. Agora era uma mulher insignificante, frivola, impiedosa, que não tivéra escrupulo em submettêl-o á mais crudelissima das torturas... por simples vaidade.

Marineta! Oh, já não existia! Morrêra para elle.

O «ANTIPATHICO» NORDESTE

Esmolas...
— Teu pae?
— Está procurando emprego.
— Tua mãe?
— Morreu.
— Irmãos?
— Uma só, pequenita. Os outros todos morreram. Eram quatro.
— De que morreram?
— Não tinham nem rapadura nem farinha para comer...
— Teu nome?
— Rita... Ritinha...

Quem neste tempo se aventura a visitar Camocim, pequenino porto desse maravilhoso Ceará que todos conhecem através da affectividade, do intellecto, da fibratura do seu povo, não irá embalar-se nas ondas dos "verdes mares bravios", nem tampouco fanar-se nas "frondes da carnahuba onde canta a jandaia". Vae, sim, *ouvir* de mais perto a Dôr. Essa Dôr que os daqui desconhecem. Os daqui...

Si lhe morre a filha, uma espada atravessa-lhe o coração... Si é a mãe quem succumbe, o coração mergulha em torrentes de lagrimas de saudade... Mas, os entes queridos que desapparecem têm, na sua vida, na sua molestia, o conforto de uma cama, o auxilio inesgotavel de remedios e sobretudo os alimentos necessarios.

Lá na minha terra, agora, o que nos apresenta o cajueiro, sempre frondoso, é o "quadro" que nunca o encontrariamos aqui. Nem mesmo nas gravuras exóticas com que outros povos procuram diminuir-nos... Sob o folharal dessas arvores, dezenas de brasileiros famintos se agglomeram... Familias esphaceladas pelas raizes bravas e pela falta destas...

Nossos patricios...

Muita gente com trachoma; em trapos... Com fome, morrendo á mingua... *Fome!*

Meu pae que mora lá me escreveu:

"...doeu-me tanto em ver uma dessas adolescentes com o vestido em tiras, um braço procurando occultar os pequeninos seios de fóra, o outro a supplicar um pouco de farinha, que a mandei entrar, lhe dei a comer, e, ainda mais: aquelle vestidinho verde que tu mandaste á Pequenina..."

Lembrei-me dos seis milhões de saccas de café que estão sendo inutilizadas...

BRAZ GUÉTTE

BELLEZAS FAMOSAS DA HISTORIA

Isabel, a Catholica, ficou conhecida como "a rainha mais formosa da Hespanha"

Uma pelle bonita torna a mulher mais attractiva e mais cortejada

É natural que toda a mulher anceie possuir uma pelle formosa. É natural que no seu intimo exista sempre o desejo de parecer bella, de ser pretendida e requestada. Dagelle offerece agora tres magnificos preparados de belleza que facilitam a qualquer mulher a conservação da cutis que os homens mais admiram.

Em primeiro lugar, applique o Creme Evanescente de Dagelle que emprestará á sua pelle essa avelludada lisura, tão necessaria antes de se applicar o pó de arroz e a maquillage, ao mesmo tempo que deixará a sua delicada epiderme protegida contra os rigores do sol, do vento, da humidade e do pó. Depois, á noite, limpe os poros de sua cutis e revivifique-a com uma massagem de Creme Perfeito de Dagelle. De manhã, ficará surprehendida ao ver a sua pelle perfeitamente limpa, sem um só vestigio de rugas. Ao levantar-se, banhe a sua pelle com Vivatone, o tonico revigorante. Vivatone fechará os poros e estimulará a circulação, dando á epiderme o viço da juventude.

Envie o coupon hoje mesmo para receber o Estojo Especial de Belleza que contem estes tres preparados de Dagelle. A Senhora achal-os-á indispensaveis para conservar a belleza e frescura de sua pelle.

A rainha Isabel foi uma mulher formosa cuja cutis macia e nacarada contribuiu para augmentar a adoração que por ella sentiam os seus subditos. Referindo-se a ella, um verdadeiro conhecedor de belleza feminina disse: "é a mulher mais bella que eu jamais contemplei." Para conservar a sua formosura, ella manifestava o maior zêlo no cuidado de sua pelle.

DAGELLE

Creme Evanescente ~ *Vivatone* ~ *Creme Perfeito*

DAGELLE, R. Theophilo Ottoni 44, Rio de Janeiro

Queiram enviar-me um Estojo Especial de Belleza, contendo os tres admiraveis preparados de DAGELLE. Junto envio a quantia de 5$000 *em carta com valor declarado.*

Nome...

Rua e No. ....

Cidade .... Estado........................ F. - 7,

Acta da reunião final da
Commissão Julgadora

Aos desesete dias do mez de Junho do anno mil novecentos e trinta e dois a Commissão Julgadora do Concurso Indanthren de vitrines, realisado nesta Capital sob o patrocinio da revista FON-FON, composta de cinco membros a saber: Snra. Regina d'Eça e Snres. Professor Fiuza Guimarães, Annibal Bomfim, Serzedello Mendes e Martins Capistrano, reuniu-se no gabinete do Director daquelle semanario para proceder ao julgamento do referido concurso, depois de ter percorrido os diversos estabelecimentos commerciaes inscriptos e apreciado as respectivas vitrines. A Commissão, estudando as varias suggestões apresentadas pelos seus componentes, resolveu, por unanimidade, dividir os premios em duas categorias, assim denominadas:

ARTISTICO - MODERNO

e ARTISTICO - COMMERCIAL

Essa decisão foi tomada em virtude de não se ter apresentado nenhuma vitrine humoristica, de accôrdo com as bases do Concurso, amplamente divulgadas. Assim a Commissão chegou ao seguinte resultado geral:

1.° premio Artistico - Moderno
LAUBISCH & HIRTH

1.° premio Artistico - Commercial
SOUZA BAPTISTA & CIA.

2.° premio Artistico - Moderno
CASA ALLEMÃ

2.° premio Artistico - Commercial
CASA MONTEIRO

3.° premio Artistico - Moderno
CASA LEMOS

3.° premio Artistico - Commercial
CASA PACHECO

A Commissão resolveu ainda, conceder um voto de louvor á firma Laubisch & Hirth, pelo bom gosto que offereceu a sua vitrine, tanto sob o ponto de vista artistico, como sob o aspecto commercial, o que, sem duvida, reunia as principaes exigencias do Concurso.

Tambem foi resolvido conceder-se menção honrosa aos Armazens Brazil, pelo esforço commercial que representava a sua exposição dos tecidos tintos com os corantes Indanthren.

Tomadas todas essas decisões, foram encerrados os trabalhos da reunião, lavrando-se da mesma a presente acta que foi por todos devidamente assignada.

Rio de Janeiro, 17 de Junho de 1932 (aa) Regina d'Eça, Fiuza Guimarães, Annibal Bomfim, Serzedello Mendes e Martins Capistrano.

VIDE nas paginas do texto, photographias das vitrines premiadas.

A MULHER CHIC

Ensemble de Jean Patou. Noeud de vison en garniture d'un manteau de crêpe rajah.

(Photo especial para FON-FON).

UMA CARTA DE AMOR

JULIETA, minha querida amiga. — Quando se bate em retirada de um amor para outro amor, a nossa alma vae como uma ave tonta de sol. O que desejamos não é o clarão berrante de uma vida nova. Não é a agitação de outro ambiente de tumulto. Nem o colorido de outra paizagem. E' a doçura da penumbra. E' a quietude doce de um agasalho, onde se possa repousar das emoções anteriores.

Ha como que uma especie de embotamento dos sentidos. A principio, não se comprehende bem o que se passou em torno ao nosso destino, nem o que occorre no presente, nem o que nos aguarda no futuro.

Só depois é que nos vamos habituando a uma condição nova de existencia, onde os sêres e as coisas, os aspectos em geral assumem as feições mais estranhas, por mais bellas que sejam...

O que me apraz, neste momento, é o consolo meigo de uns dedos mansos, que derramem caricias e affagos sobre os meus cabellos grisalhos; é o extase de uns olhos clementes e feitos de infinita candura, que illuminem a minha vida obscura e vazia. E só tu, minha romantica Julieta, heroina de romance de amor, só tu me poderias dar esse socego de alma, esse bem estar que reclamo para a minha tristeza...

Mlle. Ondina Pinto, distincta figura da nossa alta sociedade, onde sobresáe pelos seus dotes de espirito e coração.

E, assim, eu posso dizer como René-Albert Fleury:

L'amour est là, mais je le fuis.

Mas, fugir, para que? Si venho bater á porta do teu coração, á espera da palavra de acolhimento gentil: "Entra. A casa é tua..." Para que, si, hoje ou amanhã, tu, Julieta, bem poderás dizer como a outra: "A porta está aberta... Podes sahir. Vae!"

E' nesse estado de espirito em que me encontro. Tu, Julieta, tu me dás bem a impressão de que és um refugio doce para minha alma decepcionada, ferida e extravasante amargura...

Venho de um amor infeliz. Um amor que não sei si me foge ou si me obriga a fugir delle, com aquella consciencia de victoria paradoxal e absurda: — a victoria de quem bate em retirada, e que para Napoleão é no amor o verdadeiro triumpho.

Julieta, meu novo amor, tu me darás um pouco de ventura e socego.

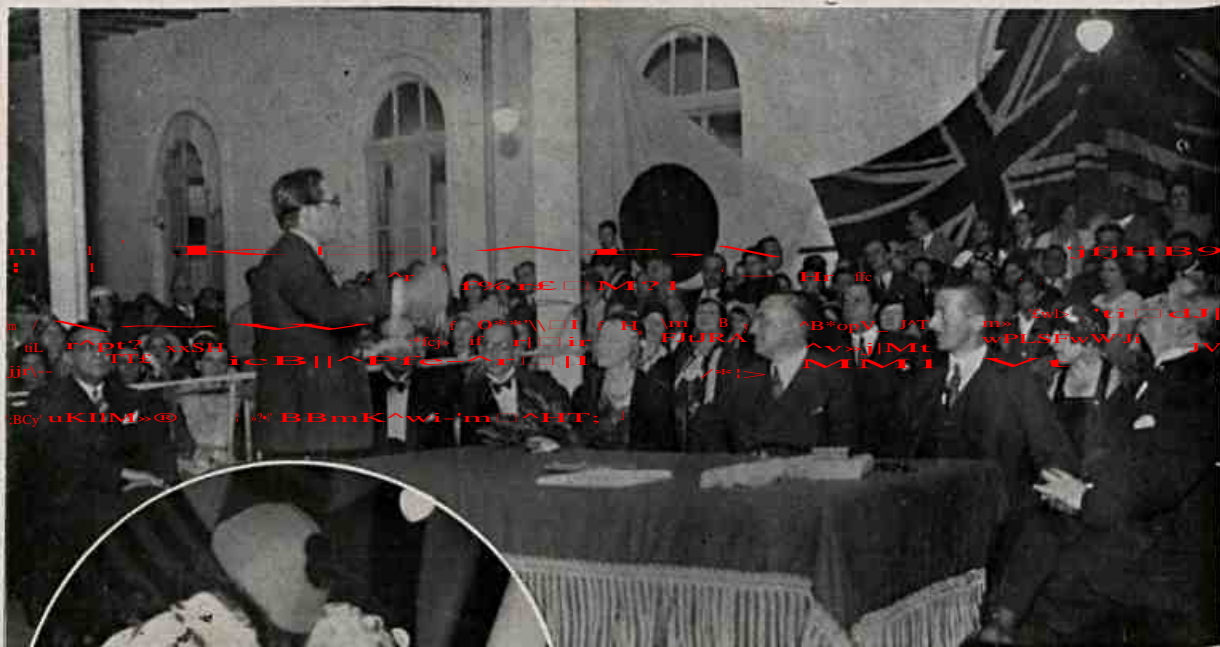
Teu — Flavio"

Um homem lyrico, um homem apaixonado, me pede a publicação dessa carta.

Seja feita a sua vontade. Tambem eu sei o que é um soffrimento de amor...

Y V E S

O grande baile realizado na noite de sabbado passado nos luxuosos salões do Botafogo F. C., em beneficio da embaixada brasileira que vae tomar parte nas Olympiadas de Los Angeles, foi um acontecimento mundano e social de excepcional brilhantismo. Os esforços da Confederação Brasileira de Sports, sob cujos auspicios se realizou aquella magnifica reunião elegante, bem como a propria finalidade do festival, contribuiram grandemente para o exito alcançado. Na gravura acima, onde apparece um grupo de distinctos assistentes, vêem-se os ricos e artisticos premios sorteados por occasião do esplendido festival.

No edificio do Lyceu de Artes e Officios inaugurou-se, a 21 do corrente, a Exposição de Hygiene Infantil, organizada pelo serviço mantido pelo Departamento Nacional de Saúde Publica. A' cerimonia inaugural compareceram o chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas e sua exma. senhora, o ministro da Educação e Saúde Publica, dr. Francisco Campos, representantes dos demais ministros de Estado e do cardeal d. Sebastião Leme, o dr. Belisario Penna, director do Departamento Nacional da Saúde Publica e outras altas autoridades. A nossa gravura focaliza um aspecto da solennidade, vendo-se, no medalhão, a senhora Darcy Vargas visitando uma das dependencias do interessante certamen.

No amplo edificio do Collegio Anglo-Americano, á Praia de Botafogo, realizou-se na noite de sabbado ultimo interessante festa organizada pelos professores desse conceituado instituto de ensino. Foi numerosa e distincta a assistencia de alumnos do estabelecimento e familias da alta sociedade carioca. Durante o lindo festival, de que todos levaram a melhor impressão, houve tambem distribuição de varios premios. Nesta pagina focalizamos dois aspectos da linda festa dos professores do Anglo-Americano.

A Escola Brasileira, á rua Fonseca Telles, inaugurou, na semana passada, as novas installações do edificio de sua séde, tendo organizado para esse fim interessante festival. A gravura acima focaliza um grupo de professores e alumnos daquelle conhecido educandario.

Teve um brilho digno de nota a cerimonia da collação de grão dos officiaes das differentes armas, que concluiram o curso de engenheiro-geographo. Realizou-se essa solennidade na séde do Instituto Geographico Militar, sendo presidida pelo chefe do governo provisorio, que se fez acompanhar das suas casas civil e militar. A nossa gravura focaliza alguns aspectos da referida cerimonia.

Albin Michel

HAVERA', no Brasil, alguem que, lendo um pouco, ignore o nome de Albin Michel? Não creio. Em torno de sua figura estão quasi todos os grandes nomes da literatura franceza moderna, e uma grande parte dos escriptores estrangeiros de renome, que elle faz traduzir e lança no mercado mundial de livros. Albin Michel occupa, hoje, um dos primeiros logares entre os editores francezes. E, para chegar a tal, em um paiz onde o livro é quasi a principal industria, e onde os editores se contam aos milhares, comprehende-se perfeitamente a actividade e o ardor da batalha empenhada e ganha, Deus sabe á custa de que tragedia dolorosa e de que "força dynamica" desprendida. Quem vive no meio francez e, sobretudo, no meio do "livro" póde avaliar o que elle representa de egoismos que se entrechocam, de lutas enormes pela concorrencia desleal, pelo descrédito etc. No Brasil ainda não temos uma idéa exacta do que é a vida de uma casa de edições, porque ainda não chegamos ao ponto de termos que conjugar o homem intellectual com a machina commercial "editor". Não podemos comprehender ainda o valor que encerra e a admiração de que se faz credor um homem como Albin Michel, nascido e feito dentro do commercio do livro, sustentando batalhas cruentas, decepções enormes, fazendo nomes illustres, mantendo o fogo sagrado da intellectualidade franceza, a "mater" do espirito latino, á custa da propria vida, da mocidade que se esgotou na profissão e de uma força de vontade excepcional, para poder vencer mil e uma difficuldades. Triste condição humana, a de um homem que fez da sua existencia um apostolado, que lutou desesperadamente que não viveu, que não viu a mocidade, absorvido no afan de vencer, dominar; que não teve tempo de olhar o lado agradavel da vida, a tranquillidade; que, por falta de tempo, não procurou o divertimento como compensação para o trabalho duro do batalhar de cada dia e que chega ao outomno da existencia vencedor, mas que é obrigado, ainda, a assumir o commando directo das enormes forças que a luta collocou a par da sua obra.

SR. ALBIN MICHEL

Albin Michel é desses homens. Toda a sua vida, passou-a a fazer a enorme casa de edições que traz o seu nome; e hoje, com uma obra mundialmente conhecida, com uma das maiores casas editoras da Europa, continua ainda á testa dos negocios, não faltando nunca, não se permittindo mesmo a menor das "férias" que o seu mais humilde empregado goza cada anno. E' o primeiro a chegar e o ultimo a sahir daquelle edificio branco, enorme, moderno, da rue Huyghens, no coração de Montparnasse, e cujo interior é um formigueiro de empregados que se movimentam em torno de milhões de livros.

O Conceito e a reputação de que desfructa nos meios intellectuaes, deram-lhe uma autoridade immensa entre os editores francezes, e foi justamente por isso que resolvemos saber a sua opinião sobre a decantada "decadencia" da literatura franceza. Teriamos, assim ao lado dos criticos, escriptores e artistas que incluimos em nossa "enquête", um editor.

Mr. Esmenard é um rapaz moço, cheio de actividade e sympathia, e senhor do sorriso mais agradavel que se póde desejar na physionomia de um francez; e, talvez pela sua intelligencia e por esse sorriso, é que occupa a chefia da secção estrangeira das "Edições Albin Michel". Quando lhe expuzemos o nosso desejo, pela primeira vez depois de tantos mezes de convivencia, a serviço do *Fon-Fon* aquelle sorriso se desfez.

— Entrevista? Hum!... Acho difficil! Mr. Michel é o homem mais accessivel que se póde imaginar. Recebe seja quem fôr e fala não importa a quem, mas, ultimamente, têm sido tantas as entrevistas, sobre tantos assumptos que, supponho, elle já se recusa a falar aos jornalistas. E' um homem simples e teme passar por cabotino. Emfim, vamos tentar.

Alguns minutos após, Albin Michel recebia-me no seu gabinete, cercado de tres adoraveis secretarias, que enchiam folhas de papel com garatujas stenographicas.

— *Asseyez vous, s'il vous plait. Un minute et je suis a vous...*

Baixo, gordo, com a physionomia vincada pela luta, mas cheia de luz e expressão, dictava varias cartas, emquanto assignava outras que lhe eram entregues por uma secretaria, que, supponho, é o verdadeiro "breviario" contra a luxuria da casa.... Uma mulher com aquella cara tão indigesta, não podia deixar de ser a chefe das secretarias.

— *Voilá. Je suis a vous!* — volveu elle, minutos depois, dirigindo-se a mim.

Deante da nossa pergunta, um sorriso ironico aflorou-lhe aos labios.

— Não é a primeira vez que me falam sobre o assumpto. Li mesmo alguns dos artigos sobre a nossa decadencia. em jornaes americanos e inglezes. Pois quer que lhe diga a minha opinião? Falta de assumpto, nada mais. Em que se póde avaliar uma decadencia desse genero? Na falta

(*Cont. na pag. seguinte*)

ALBIN MICHEL

(CONCLUSÃO)

de autores? Mas temol-os e de sobra. Pelo menos o publico que é o grande Juiz, os faz dia a dia em maior numero, esgotando edições que chegam a 180.ª a 200.ª. O maior simptoma da decadencia de uma literatura é a diminuição de venda de seus autores. Pois bem: nesses ultimos 10 annos, lançando de 8 a 12 livros por mez, ainda não teve um só autor que falhasse. De anno para anno, a producção foi augmentando, não só na propria França, mas tambem no estrangeiro. Na Polonia, na Tchecoslovaquia, na Rumania, na Belgica, na America do Sul e mesmo na do Norte, os autores francezes têm maior venda, são mais lidos que os proprios autores nacionaes. As nossas edições esgotam-se rapidamente. Como falar em decadencia, deante da enorme cifra, unica no mundo, que representa a producção da litteratura franceza? Ainda mantemos a vanguarda da intellectualidade latina, e toda a campanha feita contra ella esmorecerá, morrerá deante da verdade dos factos, facil de ser vista. A geração actual dos autores francezes, que alguns querem de "preparação" para a geração futura, não póde ainda dar o "genio" porque está em plena florescencia. O futuro dirá. Mas dentro della temos homens de grande valor intellectual, capazes de supportar a analyse mais detalhada!

Claudius, o intelligente filhinho do dr. Carlos Monte Vianna e de d. Lenita Rocha Monte Vianna, fez, agora, a sua primeira communhão, juntamente com varios collegas seus, alumnos do Externato São José. Foi um dia de festa para o pequeno Claudius esse em que elle recebeu, pela primeira vez, o santo sacramento da eucharistia. Seus paes ficaram contentes e offereceram, aos amiguinhos de Claudius, um lauto almoço para solennizar tão bello acontecimento espiritual.

Uma «pose» mystica do interessante Rubem, apanhada por occasião da sua primeira communhão. Rubem é filho querido do distincto patricio, dr. Alfredo Balthazar da Silveira e de sua exma. esposa, d. Maria de Lourdes Balthazar da Silveira.

O interessante Gabriel, filho da viuva dr. Mario Jatahy de Alencastro, após a sua primeira communhão.

A facilidade de expressão de Albin Michel é enorme. A nossa palestra resvalou para a sua obra. Via-se na sua physionomia o traço audacioso do homem satisfeito pela victoria. Mas isso foi um clarão: apagou-se rapido. Um véo triste de saudade cobriu-lhe o olhar, uma expressão de amargura appareceu-lhe na comissura dos labios.

— Que quer? — continuou elle. — Tenho orgulho da minha obra. Comecei só. Lutei sem cessar; não vi a luz da mocidade, nem tive outro afan além do da batalha. Esqueci a vida e mergulhei-me inteiramente na minha obra. Até hoje nunca soube o que foi férias nem descanso. Apesar da victoria, si fosse preciso recomeçar, confesso que não o faria...

Quando sahi, o operariado em massa abandonava os armazens. O sol morria no horizonte, perdendo a sua luz e lançando sobre o edificio uma sombra morna... Pensei na vida de Albin Michel e naquella sombra, que representa uma tragedia para os que só a percebem quando se lembram que houve um dia de sol que está findando e que elles não viram a tempo...

Paris, Maio XXXII.

BRICIO DE ABREU

Caverna de Ali Babá

Benedicto Costa é um nome firmado nos circulos intellectuaes do nosso paiz desde quando fazia as scintillantes chronicas de elegancia da «Gazeta de Noticias». Depois de nos ter dado o bello romance «Lecticia» e o livro de critica, em francez, «Le roman au Brésil», Paulo de Gardémia, pois este é o seu pseudonymo brilhante, de volta do estrangeiro, onde longos annos serviu ao Brasil em postos consulares, enriquece as letras patricias com um novo romance «A conquista de Helena», cheio de idéas, e de vida, em que perpassa e palpita a cultura americana, livro admiravel pelo estylo e pela imaginação, de pensamento e de grande alcance cultural.

O ESPIRITISMO E A PUBLICIDADE

Ha tempos, um dos nossos vespertinos levou mezes a publicar reportagens sensacionaes sobre o espiritismo em todas as suas modalidades e manifestações. Dizem mesmo que o jornalista encarregado desse inquerito tão impressionado ficou com o resultado de suas indagações que se converteu ao credo de Allan Kardec.

Presentemente, outro vespertino todos os dias nos dá noticias de interessantissimos casos de espiritismo, com pormenores curiosos, descriptos pelos que delles têm coparticipado.

E, por fim, a propria empresa dos telephones aproveita os phenomenos espiritas para demonstrar a vantagem dum dos seus apparelhos em cada residencia, pois que os medius do astral pódem por elle receitar em horas de afflicção...

Expressões de amizade entre Jean Noel e Feroz, na estação de Miguel Pereira.

ELLA...

Quando faz luar, a saudade della se apodera de mim. Sinto as suas mãos macias que me acariciam o rosto, o cheiro dos seus cabellos sóltos e a quentura dos seus beijos de amor. Para o abysmo do passado, voaram as noites lindas em que, sozinhos, enlaçados, murmuravamos versos de Geraldy:

"Tu demandes pourquoi je reste
[sans rien dire...
C'est que voici le grand moment,
l'heure des yeux et du sourire
le soir... et que ce soir je t'aime
[infiniment!..."

Voaram talvez para sempre essas noites lindas, esses grandes, longos momentos de extase e de gôzo, em que nossos desejos se fundiam num só desejo e nossas almas se uniam numa só alma.

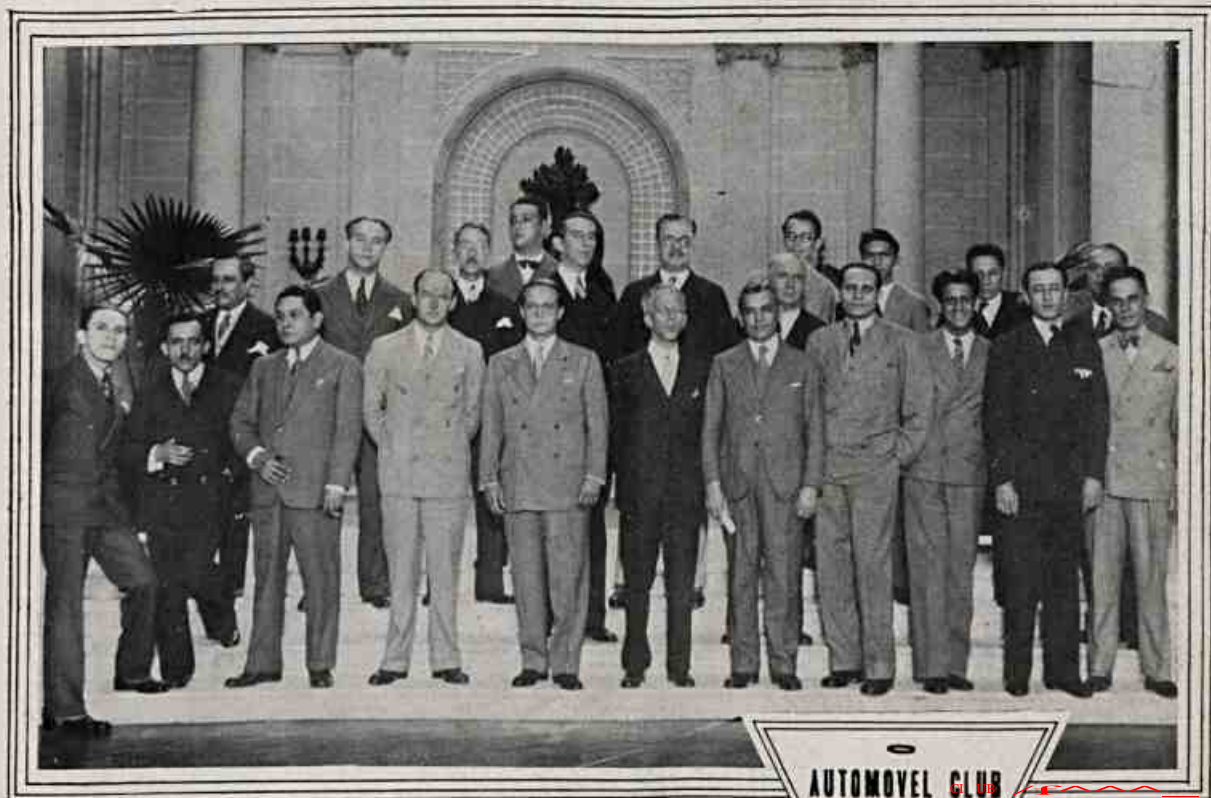
Quando faz luar, a saudade della se apodera de mim...

CIDADE-LUZ

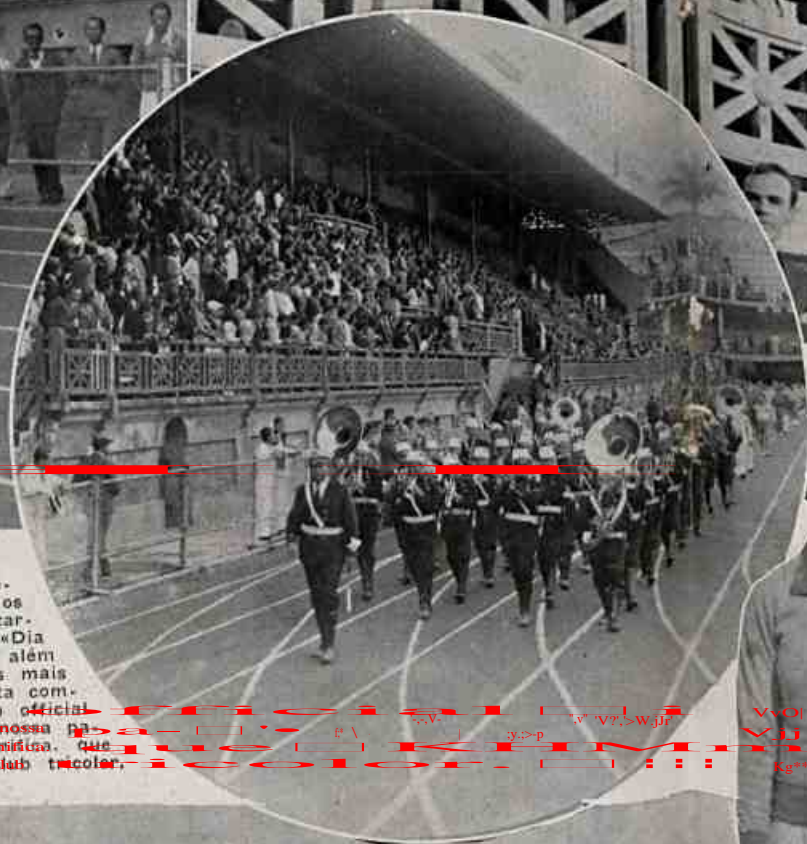
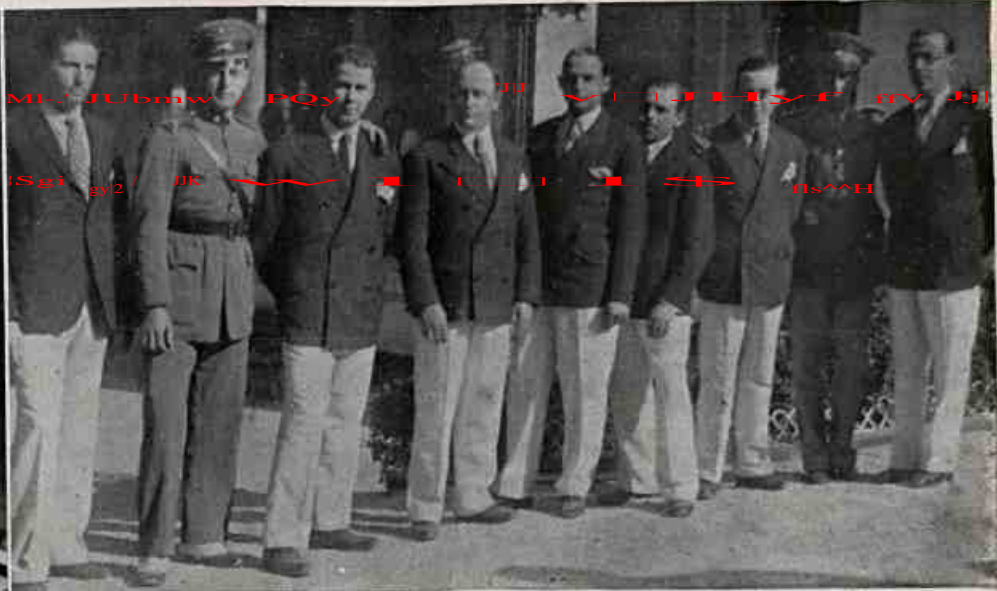
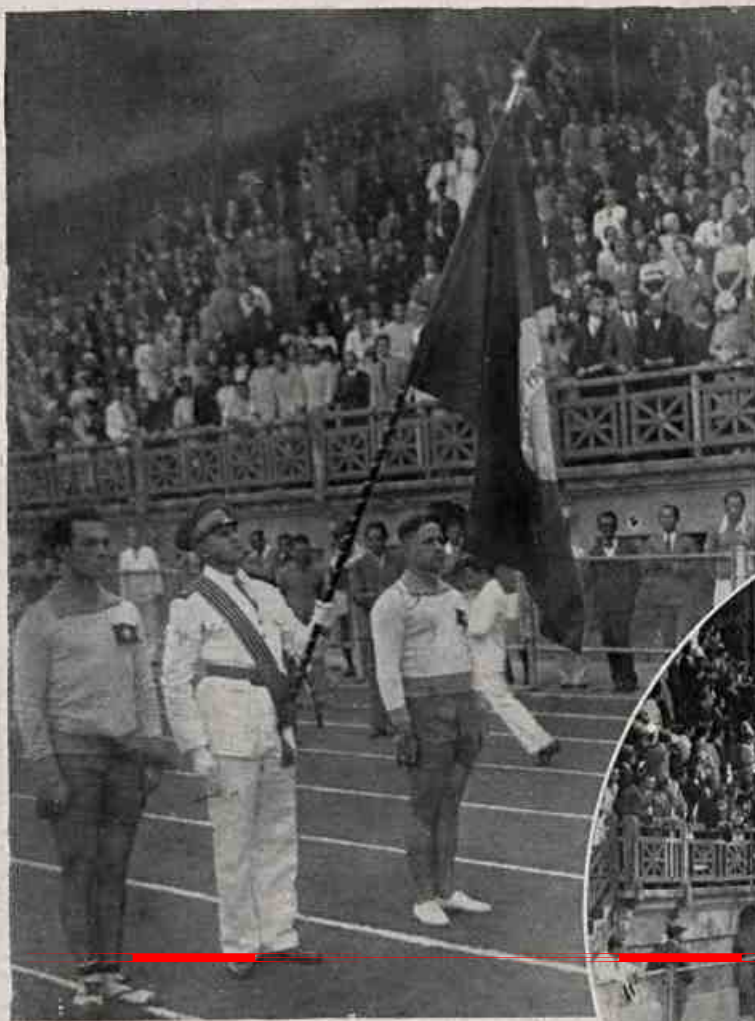
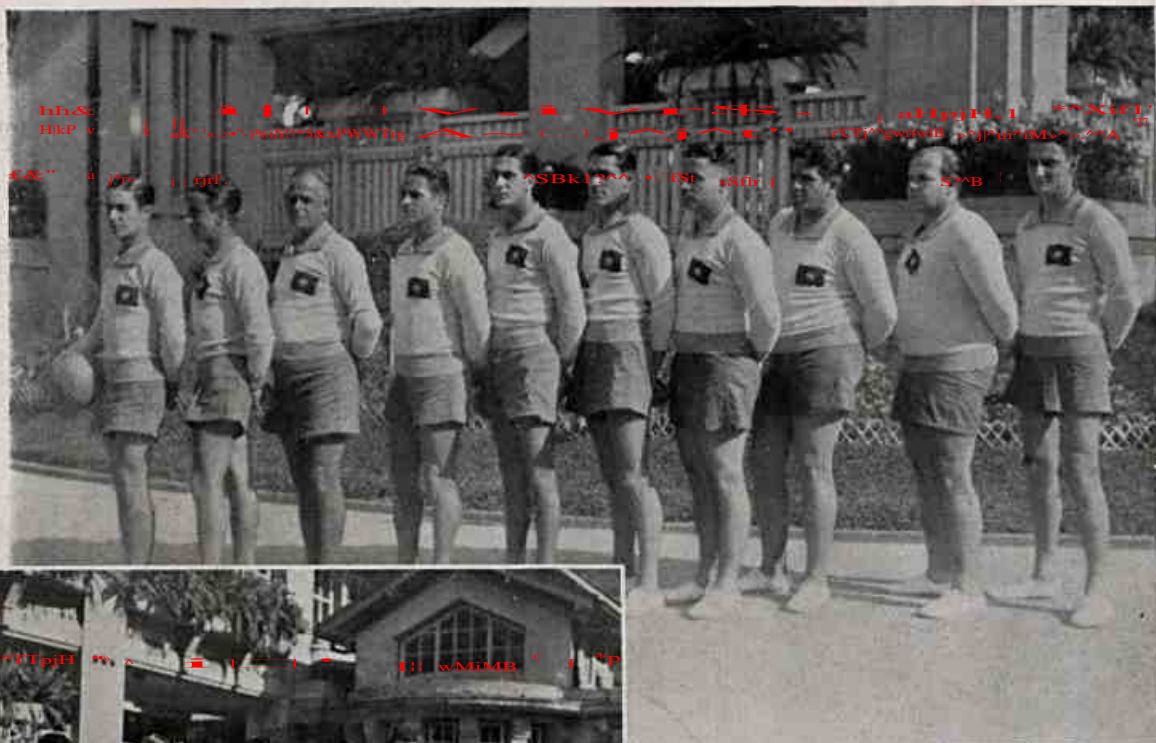
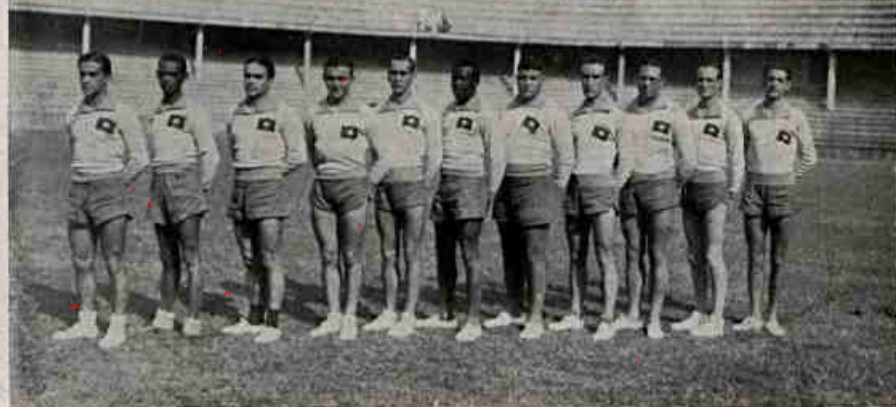
Pelas curvas femininas das praias o omnibus que me levava á casa corria quasi vazio. Alta noite. O asphalto que uma chuvinha passageira molhara reflectia como um espelho os fócos electricos que illuminavam os caes, as ruas e os jardins. Na feira de amostras, a illuminação dos edificios e pavilhões parecia a dum mundo de fadas. Nas aguas escuras da bahia, mergulhavam columnas de luz. Luzes e mais luzes por toda a parte, coroando os morros, serpenteando pelas encostas, orlando as praias, fazendo da noite um dia maravilhoso. E eu ia pensando na orgia illuminativa da nossa cidade, que arrancou de Albert Londres esta exclamação:

—"Les brésiliens ont tué la nuit!"

Sésamo

Hamilton Barata é um polemista insigne e um culto amigo da sociologia politica. Conhecedor profundo de nossos problemas sociaes, guiado por um criterio patriotico e por um enthusiasmo sempre joven, traçou as paginas ardentes do seu ultimo volume «O assalto de 1930», em que demonstra sua illustração invulgar, sua força de pamphletario esclarecido e a coragem civica dum batalhador de idéas elevadas. E' um livro energico e sincero, versando um thema palpitante de nossos dias.

AUTOMOVEL CLUB E A IMPRENSA

O Comitê de Imprensa do Automovel Club do Brasil, que se reúne em tertúlias semanaes, ás sextas-feiras, num expressivo movimento de aproximação jornalistica, foi, no dia 17 do corrente, homenageado pela directoria da grande e prestigiosa sociedade automobilistica desta capital. O presidente do Automovel Club, dr. Carlos Guinle, offereceu, aos nossos confrades que compõem o alludido Comitê, um almoço que se realizou no salão-restaurante do palacio da rua do Passeio, e para o qual foram, também, especialmente convidadas as duas figuras principaes da Inspectoria de Vehiculos: o capitão Riograndino Kruel, inspector geral, e o dr. Carlos Monte Vianna, sub-inspector. Antes do ágape cordial, os jornalistas e demais convidados visitaram todas as sumptuosas dependencias do Automovel Club, demorando-se mais na piscina, em construcção, que será, brevemente, um dos attractivos irresistíveis dos socios daquella instituição sportivo-mundana.

Nessa visita, os representantes da imprensa foram acompanhados do dr. Carlos Guinle e outros directores do Automovel Club também presentes, e que tomaram parte no almoço dos jornalistas: o dr. Nelson Pinto, que é o secretario do club e um dos reus elementos mais brilhantes; o dr. Reynaldo de Aragão e o dr. Armando de Godoy, figuras igualmente dignas de apreço pelos seus serviços á instituição. As nossas photographias fixam aspectos dessa festa em homenagem á imprensa.

A tarde de domingo ultimo, no «stadium» do Fluminense Football Club, constituiu um verdadeiro acontecimento de grande brilho sportivo. Para homenagear os representantes do Brasil, na X Olympiada, a realizar-se em Los Angeles, o Fluminense organizou o «Dia Olympico» subordinado a um programma em que, além das provas brilhantes, postas em pratica, houve as mais enthusiasticas exaltações de patriotismo. A essa festa compareceram o chefe do governo provisorio, o mundo official e as mais expressivas figuras da elite carioca. A nossa pagina põe em fóco os flagrantes dessa tarde magnifica, que foi mais uma victoria esplendida para o querido club tricolor.

O «Dia Olympico», realizado no «stadium» do Fluminense F. C., em honra da embaixada esportiva brasileira ás Olympiadas de Los Angeles, constituiu um verdadeiro acontecimento nos nossos circulos mundanos e esportivos. Nesta pagina estampamos os quadros de athletas que vão tomar parte naquella grande competição internacional.

DA VERDADE

Bellissimo, sem duvida, o sentimento da verdade. Mas nem todos o acceitam incondicionalmente, mesmo os que o exalçam.

E' que a verdade, muitas vezes, compromette, quando não desfaz projectos. O silencio ou a indifferença substituiem vantajosamente a verdade, sem prejudicar ninguem. Porque a clareza de certos factos, nas suas proporções reaes viria, talvez, provocar um incendio em muitas almas inclinadas á pratica do bem commum.

Ha verdades que, no fundo, encerram mentiras ou o resultado de alguma perfidia. Assim, ellas se assemelham á peçonha, sorrateiramente lançada ao alimento de um inimigo, para o eliminar...

A verdade é adoravel, quando não está a serviço de machinações infernaes.

ALEXANDRE PASSOS

Casas!

Algumas realizações do

Escriptorio Technico J. Gurgel Dantas

Engenheiros civis e engenheiros architectos

Peçam projectos e orçamentos

Rua da Quitanda, 113 - 1.º andar

Phone 4-3102

Interior de um «hall» original.

CANÇÃO DE AMOR

As vozes mais intimas e mais profundas de meu coração deixaram, hoje, alvoroçados, o refugio de paz e de serenidade do seu recolhimento para entoar, em teu louvor, oh! minha amada, o hymnario festivo da minha adoração!

Escuta-as e guarda bem dentro de ti todos os rythmos, espontaneos e largos com que, no delirio da sua expansiva musicalidade amorosa, as vozes do meu coração cantam em teu louvor as canções apenas cantadas, até hoje, na surdina emotiva do seu recolhimento.

E tu comprehenderás, ouvindo-as, todo o silencioso e commovido mysterio do coração que te votou, no culto da sua revelação interior, toda a exaltação de um amor que se fez a fé e o evangelho da minha adoração.

Commissão Julgadora do «Concurso Indanthren de Vitrines» sra. Regina d'Eça, prof. Fiúza Guimarães, srs. Annibal Bomfim, Serzedello Mendes e Martins Capistrano e representantes da firma distribuidora, no Brasil, das anilinas «Indanthren».

Lá fóra, minha adorada, na ramagem ensoleirada das arvores, pipia a volupia sagrada do amor nos ninhos quentes dos passaros. Azas inquietas, na bohemia volitante dos rythmos suaves que as impulsionam, cortam o espaço serenamente.

Sobre a natureza, sobre as coisas, sobre os séres derrama-se o mysterio da eterna fecundação. O ventre immenso, escuro, da terra, é uma enorme floração concepcional do amor.

E as vozes todas do meu coração, enternecido de volupia, ante o deslumbramento magnifico do teu ser radiante, que se confia ao meu carinho e ao meu beijo, oh! adorada!, entrecortadas de emoção, dizem-te todas as caricias e cantam-te todas as canções que musicaram para ti quando, um dia, fosses minha!

.. ..

O abat-jour de cinza do crepusculo envolve as coisas no mysterio e na paz dos grandes recolhimentos. Apenas o frú-frú subtil das azas que buscam o agasalho morno dos ninhos perturba o ambiente da minha solidão.

Meus olhos velam-se de tristeza, deixando transparecer, na retina afflicta, a inquietação com que se volvem para dentro de mim, para o templo, ha pouco em festa, do meu coração.

Calaram-se todas as vozes da minha exaltação amorosa. A angustia dos grandes silencios interiores, ambientados pelo soffrimento e pela desillusão, tortura cruelmente a minha sensibilidade.

Meu amor, porque não vieste? Porque, mais uma vez, encheste de duvida a minha crença em ti, no teu amor, no culto fervoroso da minha adoração?

Virás, hoje?

— Não. Não. Ella não virá nunca, assim como a esperas — responde-me a voz que, dentro de mim, nunca falava.

— Porque? Porque?

— Porque buscas, na sua realidade, o que só a illusão creia e anima...

— Mas se ella existe...

— Na tua illusão, no culto do teu sonho interior, apenas...

— Se eu já a beijei e já tive nos meus braços o seu corpo flexuoso e palpitante de amor...

— E julgaste, no teu delirio passional, ter encontrado a realidade do teu amor-adoração!

— Sim, porque ella, somente ella, realiza o suave milagre da minha fé no proprio amor.

— Da tua fé na consoladora mentira do amor — queres dizer...

— Talvez... Talvez... tenhas razão...

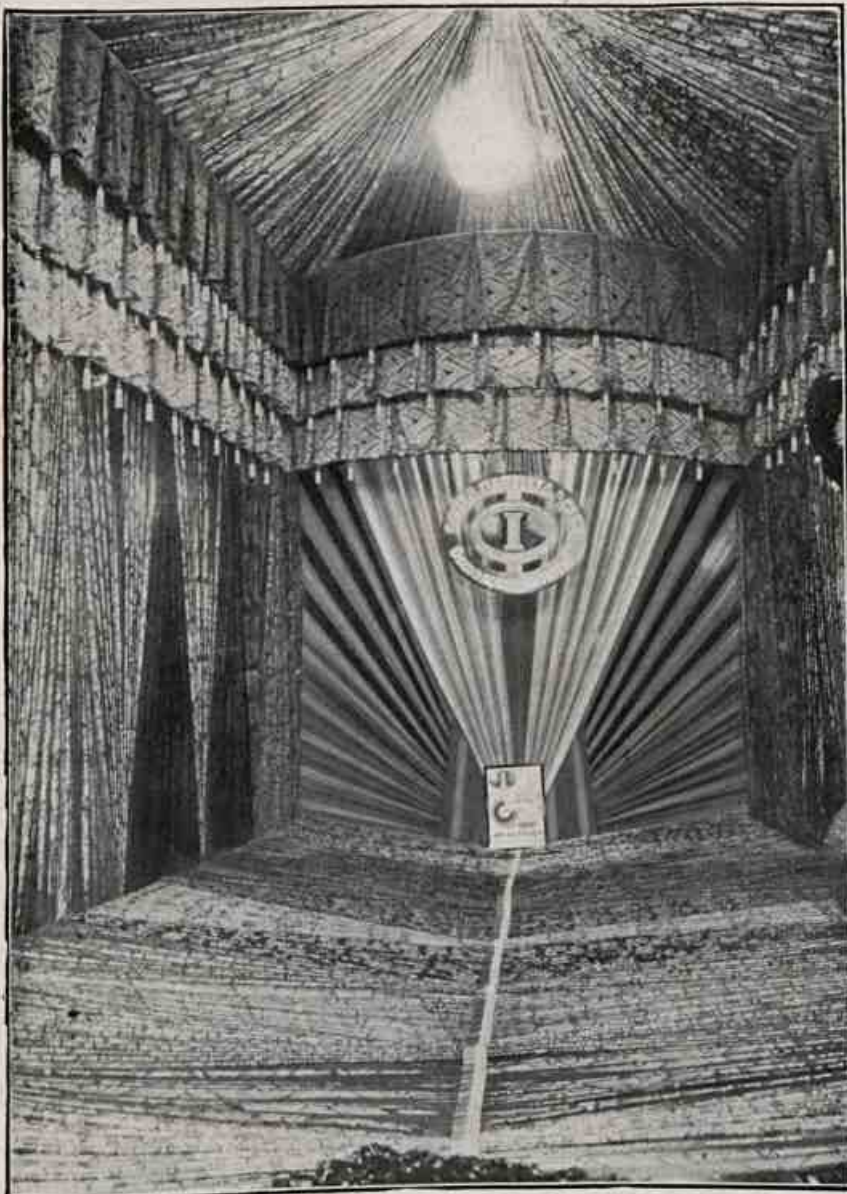
SAULO

Indanthren

Concurso INDANTHREN de vitrines

DESPERTOU grande interesse no meio commercial e no mundo elegante, o "*CONCURSO INDANTHREN DE VITRINES*" ao qual se inscreveram alguns dos mais importantes estabelecimento de tecidos, modas e decorações desta Capital.

Durante oito dias poude o publico contemplar mostruarios dispostos com requintes de arte e bom gosto, exhibindo exclusivamente tecidos tintos com os famosos corantes "Indanthren".

Em outra pagina desta revista publicamos a acta da Commissão Julgadora, com o nome das casas cujas vitrines foram premiadas.

A rica vitrine da casa SOUZA BAPTISTA & CIA., Largo da Carioca n.º 9, que obteve o 1.º premio do «Concurso Indanthren de Vitrines» sob o criterio Artistico-Commercial.

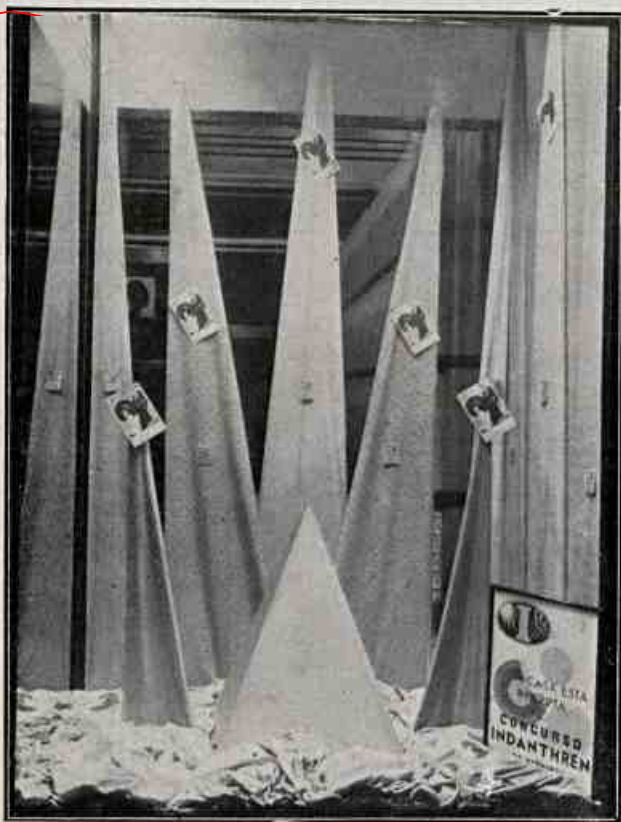
Releva notar que, devido á luz artificial e dadas as condições especiaes de profundidade da vitrine, a photographia não consegue dar uma justa idéa do deslumbrante effeito visual desta vitrine.

A artistica vitrine, em estylo modernista, da casa LAUBISCH & HIRTH, rua do Ouvidor n.º 86, contemplada com o 1.º premio, no «Concurso Indanthren de Vitrines» sob o criterio Artistico-Moderno.

A bella vitrine da CASA MONTEIRO, á rua 7 de Setembro n.º 58, 2.º premio do «Concurso Indanthren de Vitrines» sob o ponto de vista Artistico-Commercial.

As originaes vitrines da CASA ALLEMÃ, Praça Floriano n.º 23, 2.º premio do «Concurso Indanthren de Vitrines» sob o ponto de vista Artistico-Moderno.

CASA PACHECO, Rua Uruguayana numeros 158/160, 3.º premio (Artistico-Commercial) do «Concurso Indanthren de Vitrines».

CASA LEMOS, Rua Gonçalves Dias n.º 16, 3.º premio (Artistico-Moderno) do «Concurso Indanthren de Vitrines».

Uma das vitrines dos ARMAZENS BRAZIL Rua Gonçalves Dias n.º 6, Menção honrosa no «Concurso Indanthren de Vitrines».

FON-FON no cinema

Sondra conseguiu apaixonál-o.

Uma Tragedia Americana

DA PARAMOUNT

com Phillips Holmes — Sylvia Sidney e Frances Dee

O destino foi cruel com Clyde Griffiths desde a sua mais tenra idade. Seus paes, pobres e fanaticos evangelistas, esqueceram-se de o educar para cuidar do bem estar das almas alheias. O pequeno cresceu á mercê de Deus. Fez precários estudos pelas escolas publicas dos logares por onde vagueavam os seus progenitores. Passou fome e desgostos na idade em que a maioria dos meninos se preoccupa só com os seus brinquedos. De bôa estatura, ambicioso, desejando tudo o que lhe era vedado alcançar, o seu futuro apparecia-lhe negro, quando aos vinte annos um encontro com um seu tio lhe proporcionou a felicidade de entrar como encarregado de uma fabrica que elle possuia na cidade de Licurgus.

Sua tia e seus primos não o tratam com muita affeição, sendo raras as vezes em que o convidam para as festas que costumam dar no seu palacete, o mais luxuoso do logar.

Roberta fez-lhe a dolorosa confissão.

Clyde sente-se completamente só. Como lhe faltam amigos, o seu caracter se torna taciturno. Julga que toda a gente faz pouco delle, pois doutro modo não comprehende os olhares dos operarios, que, no emtanto, sympathizam com o seu typo galhardo.

Um dia, em casa do seu tio, apresentam-no a Sondra, a bella e rica herdeira dos Frinchley. A sua timidez causa-lhe, á formosa mulher, uma excellente impressão. No coração de Clyde nasce, então, o amor — o amor e uma insensata ambição. Querendo demonstrar a sua indifferença por Sondra, concentra as suas attenções na meiga Roberta Alden, uma mocinha que como elle se encontrava isolada em Lycurgus. E' quasi uma creança. Roberta trabalha na officina

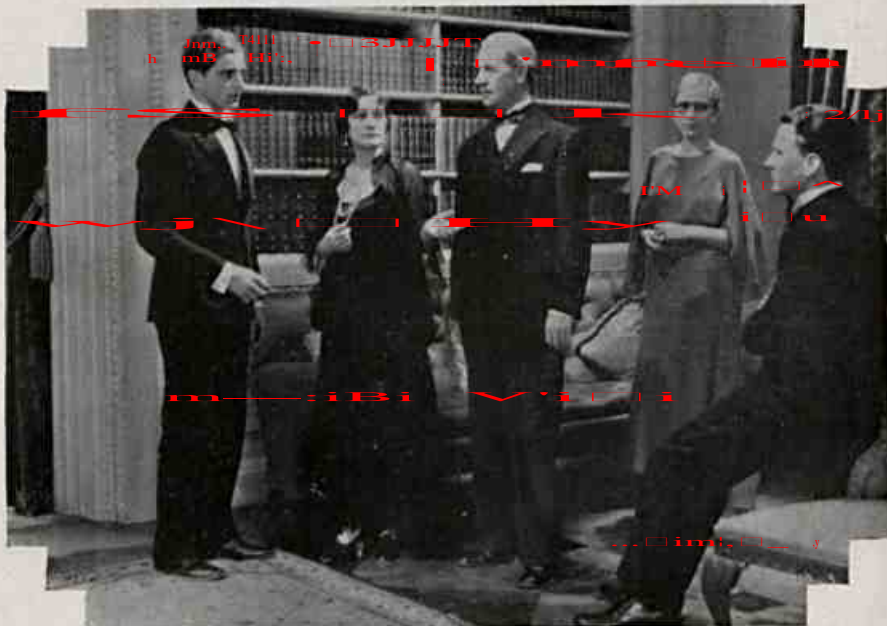
E a seducção continuava.

dirigida por Clyde. A innocente creatura sente profundo amor pelo seu primeiro galanteador. Sente que é para elle que ella veiu ao mundo. Não sabe negar-se ás suas razões e deixa arrebatar-se pelo ardor de sua paixão, entregando-se de alma e corpo ao seu amado.

Clyde mantinha relações clandestinas com Roberta, ha tres mezes, quando um encontro casual com Sondra o leva para novos caminhos. Passam-se uns dias. Sondra dá-lhe a entender que não lhe é indifferente. Discutem a possibilidade do seu casamento. Clyde sente-se transportado ao setimo céo. Mas um rude despertar lhe mostra a delicadeza de sua situação: Roberta diz-lhe que vae ser mãe e pede-lhe insistentemente que com ella se case o mais cedo possivel.

Elle reconhece que em tempo sentira um verdadeiro carinho pela sua Roberta, mas o seu coração tem pouca firmeza. Elle sente que Sondra é agora a sua unica preoccupação. Alem disso, si elle cumprir a sua palavra, casando-se com a sua operaria pobre, tem a certeza de que seu tio o despedirá, ficando de novo na miseria. Casando com Sondra, adquirirá posição, riqueza e uma mulher que todo o mundo admira. Resta-lhe uma unica solução: desviar Roberta do seu caminho.

Roberta está contentissima ao ver como ultimamente Clyde a trata com tanto carinho. Acceita o seu convite para passar dois dias de férias nas margens de um lindo lago da vizinhança da cidade. Roberta não sabe nadar. Pelo contrario, Clyde nada maravilhosamente. Estão em um fragil barco no meio do lago. E' Clyde quem rema. Sua expressão toma, então, uma fórma feroz, que aterra Roberta. Chegado o momento de Clyde realizar o seu criminoso intento, sente-se sem coragem para o levar a cabo. Arrependido, conta tudo a Roberta, que fica assustada e que, num movimento brusco de agitação nervosa, faz que a pequena embarcação se volte e ella morra afogada, sem que Clyde consiga salvál-a.

A policia toma conta do caso. Apesar de Clyde contar a verdade, a justiça considera-o autor da morte de Roberta. Quando sobe ao cadafalso, só tem os beijos de sua mãe a mitigar-lhe a desgraça.

Era um moço timido.

Carlton tinha-a emfim sua!...

A VIDA É UMA DANÇA

Film da Columbia Pictures — (TEN CENTS A DANCE) — *Direcção de Lionel Barrymore*

com *Barbara*, Barbara Stanwick — *Carlton*, Ricardo Cortez — *Edie*, Monroe Onsley — *Molly*, Sally Blane — *Eunice*, Phyllis Crane.

UMA fileira de lindas carinhas, acompanhando, com sorrisos maliciosos e piscar de olhos seductores, os compassos da musica de jazz, — tal é o aspecto tomado de frente da balaustrada do "dancing" elegante. Visto, porém, do lado de quem entra no salão, o aspecto é bem mais interessante: uma dezena de corpos flexiveis de mulheres moças e bonitas a se bambolearem no mesmo rythmo, para um lado e para outro...

De facto, a vida ali não parecia tão monótona: bôa musica, alegria, mulheres formosas... Que mais se podia desejar? Não era, entretanto, desta opinião a fascinante Barbara, cuja belleza enchia de encantadora pureza o ambiente de vicio encoberto, que era, afinal, aquelle "dancing". Barbara tinha muitos adoradores e, entre estes, o mais assiduo era o millionario Carlton, que a cercava de todas as attenções, contrariando muitas vezes o regulamento da casa, dirigida pela sisudez de uma matrona rispida e mal encarada. De todas as vezes, porém, que Carlton dirigia amabilidades a Barbara, esta se esquivava, como demonstrando ter dado já seu coração a outro homem. De facto, Barbara estava enamorada de um rapaz de maneiras delicadas e romanticas, que conheceu da pensão onde morava.

Iriam sêr felizes, embora fossem pobres.

Eddie, — era este o nome do seu eleito, — andava em difficuldades de vida e aguardava melhor tempo

Carlton amava-a sinceramente.

para realizar seus esponsaes. Foi por isto que a moça, depois de receber o lindo vestido presenteado por Carlton, lhe disse da impossibilidade de acceder aos seus pedidos de casamento e pediu para "um amigo seu" um emprego nos escriptorios da companhia de que o displicente millionario era presidente. O segredo da vida particular de Barbara preoccupava Eddie e este, indagando com cuidado, obteve a informação que desejava, dirigindo-se ao "dancing", onde provocou uma scena escandalosa, levando afinal a moça a abandonar aquella vida e fazendo-a sua esposa.

A vida, portanto, tomava outro rumo para os dois jovens. Empregado agora, Eddie procurou insinuar-se no espirito de seus chefes e foi feito ajudante de caixa. Não lhe satisfazia, porém, a modestia em que vivia e a sua ambição empolgou-o, emquanto Barbara se conformava em viver de seu amor e no meio dos seus moveis baratos.

Vieram logo depois as irritações do marido, por causa de certos "descuidos" da esposa, e Eddie torna-se um homem differente. A meiguice de Barbara começa a soffrer os choques terriveis daquella nova feição de vida, o que é cumulado na fraqueza de Eddie em desviar da companhia vultuosa importancia, falta esta que o levará á cadeia, si antes não houver um milagre. Desesperado, elle confessa á esposa o crime e ella, lembrando-se da promessa de Carlton em ajudal-a sempre que possa, dirige-se á residencia do outro, afim de pedir o seu auxilio. Ficou por isto longas horas da noite no salão daquella casa rica e luxuosa e pela madrugada foi despertada pelo amigo, que regressava. Exposto o motivo de sua visita, Barbara obteve o que desejava e Eddie ficou livre da prisão. Este, porém, não se conformou com a conducta suspeita da esposa e, depois de lhe jogar em rosto os mais rudes improperios, foi tomar satisfações a Carlton, que o recebeu altivamente, atirando-lhe a luva do desafio de homem para homem...

Depois daquella scena com o marido, Barbara voltou ao "dancing" onde devia continuar a trabalhar para o seu sustento. Ali foi encontral-a o assiduo Carlton para lhe offerecer o prazer de uma viagem através do mundo, devendo o casamento se realizar logo que o divorcio de Barbara fosse conseguido... E a pequena acceita não sem primeiro ouvir um sermão em regra da directora da casa...

Manobras do amôr.

MUSA QUE VOLTA

EU sabia que tu havias de voltar.

Quando a ultima cigarra guardasse na sacóla verde, a sua viola estridente, e o sol, accelerando o motor da sua machina *hors concours*, mudasse o seu itinerario, por um capricho protocolar do Tempo. N'aquella manhã, quando, ao sahir de casa, se me deparou o primeiro *manteau* envolvendo a figurinha mais friorenta do meu bairro, qualquer coisa me disse que tu não devias tardar... Sem dizer-me adeus, assim sem o sentimentalismo antiquado de uma lagrima e sem a cerimonia modernissima de um telephonema á ultima hora, tu havias partido.

A primavéra acabára de despejar sobre a terra a sua corbelha de pétalas, e, ao ver as estradas floridas que pareciam serpentinas de ouro, enfeitadas de *confetti*, achava-se que toda a ternura que te cercava na minha sombria agua-furtada, não compensava o esplendor que ia lá fóra, pelos caminhos innundados de luz...

E já a meio da escada, *voltaste para traz*...

E mesmo para que subir? Para ter que inventar um pretexto abominavel, tão mentiroso quanto complicado, para explicar essa coisa tão natural, tão humana que é a inconstancia, o desejo de novidade, para não dizer o enfado de alguem?

Por isso, naquella tarde eu te esperei, em vão. E nas tardes seguintes, o meu ouvido, attento em escutar a musica dos teus passos, foi se desilludindo pouco a pouco...

Tu não vieste mais.

Emquanto, lá fóra, o sol, scenógrapho maravilhoso, transformava cada tarde numa apotheóse, emquanto as roseiras estiveram a trescalar o perfume das suas flores e a alegria bailava sobre o asphalto, *flirtando* irreverente e audaciosa esse principe encantado que é o momento que passa, tú esqueceste a longa e doce intimidade que nos unia havia quasi uma vida...

Mas eu comprehendi o egoismo sadio do teu esquecimento, minha encantadora amiga. Comprehendi e esperei que passassem os dias de sol, que findasse a festa da natureza e que o primeiro *frisson* do outomno te suggerisse o aconchego de um coração, sempre á tua espera...

Eu sabia que havias de voltar, ao cahir das folhas, na primeira tarde, salpicada de brumas, nessa hora violeta e cinza da saudade. E voltaste, musa vadia, minha musa!

Canta nos meus ouvidos a musica dos teus passos, e a tua fascinação vem, de novo, encher de rythmo e de côr a minha desencantada solitude. E como é lindo o outomno, tendo tu ao meu lado, musa Poesia!

COLOMBINA

Adelmar Tavares — O CAMINHO ENLUARADO — Flôres & Mano, edts. — Rio — 1932 — 5$

ADELMAR TAVARES escreveu um dos mais lindos livros de versos, do anno. Devia ser assim. Porque Adelmar é poeta dos maiores, na classe dos contemporaneos. De uma ternura sem par, que encanta pela simplicidade.

Como a Noite fosse branca, de uma luz
De margaridas diluidas,
E a saudade me pregasse em sua cruz,
Sufocando um soluço doloroso,
Eu fui pela noite a caminhar...

"Ela ficou de vir dizer-me adeus.
Ela jurou de procurar-me um dia
Para dizer-me adeus...
Ela me disse que não partiria, sem dizer-me adeus..."

E eu sigo o caminho, tão branco, e tão frio,
Tão fino, e tão frio,
Na luz do luar,
Que sinto pisar
Na folha gelada, espalmada, de um longo punhal...

....

A singular maneira de dizer, do poeta, seduz desde a primeira pagina. Não ha como resistir ao prazer de percorrer o caminho enluarado aberto á nossa frente.

Logo adeante, encontramos esta joia:

Sinto que a flôr de um doce sentimento
Vem na minh'alma, timida, a nascer.
— Muita vez a velha arvore que o vento
Partiu ao meio, torna a verdecer...

E eu que pensava eterna a soledade,
E eterna a noite do meu coração,
Dos olhos teus a branda claridade,
Deixa-me alguma luz na escuridão.

E dentro do meu sêr ermo e tristonho,
Pressinto que ainda possas encontrar,
Um pouco de esperança para um sonho,
E um resto de illusão para te amar...

Depois, aqui e ali, pequenos canteiros onde medram as trovas singelas:

Não quero ouvir o teu nome!...
Nunca mais te quero vêr!...
— E passo a vida pensando,
A fórma de te esquecer...

Coração, fonte da Vida,
Da vida a propria razão.
— E ha tanta gente que vive
A vida, sem coração!...

Quando no fim do caminho, só uma vontade nos anima: retroceder ao ponto de partida. Adelmar é um creador de illusões!

Olha a vida sem rancor, tendo um sorriso para tudo.

E uma philosophia amavel tambem. A sua companhia faz bem, principalmente ao nosso coração...

Carlos Rubens — O QUE AS MULHERES NÃO CONTAM — Edt. A. Coelho Branco F.º — Rio — 1932 — 4$

O autor é um espirito amavel. As mulheres sempre foram tidas por curiosas e indiscrétas. Sobretudo por indiscrétas. Mas, o escriptor acha injusta a fama e explica a sua maneira de sentir, quando justifica o titulo do livro.

Gesto elegante, antes de abrir as paginas do volume que reune varios contos, cada qual o mais encantador. Carlos Rubens escreveu um lindo livro.

Leve, bem architectado, moderno. Dos melhores volumes de contos ultimamente publicados.

Poeta e jornalista, Carlos Rubens dispõe de publico escolhido, gozando de merecido prestigio nos centros literarios. O presente livro de contos vem apenas confirmar as suas excellentes qualidades de escriptor.

Estamos seguros do exito de *O que as mulheres não contam*, cujo apparecimento registamos com o nosso applauso sincero, justo, despido de qualquer intenção de agradar ao autor.

Maria Eugenia Celso — RUFLO DE AZAS — Liv. Francisco Alves — Rio — 1931

NO cartaz das letras femininas, entre os grandes nomes, a sra. Maria Eugenia Celso figura em plano de merecido destaque. Pertencendo a uma estirpe illustre de talentos de primeira grandeza, a autora de *Ruflo de azas* domina pelo apuro da sua sensibilidade, pela belleza do espirito, pela cultura admiravel e, mais que tudo, pela elegancia das suas

attitudes na escolha dos themas que explora. Assim, *Ruflo de azas* veiu apenas confirmar os grandes méritos literarios da sra. Maria Eugenia Celso.

São tres delicados trabalhos para theatro, reunidos em volume: *Amores de Abat-jour; O segredo das Azas* e *Por causa d'Ella*...

Não sabemos distinguir qual dos tres é o melhor, porque todos elles foram lavorados com igual carinho.

Versos cantantes pedaços dalma, farrapos de sonhos!

Versos de cuja doçura sempre nós guardamos alguma coisa, ao voltar a ultima pagina do livro.

H. R. Knickerbocker — ALLEMANHA, FASCISTA OU SOVIETICA? — Liv. Globo — Porto Alegre — 1932 — 6$

COMO jornalista norte-americano, o autor imaginou fazer um inquerito acerca das condições actuaes da Allemanha. Percorrendo o territorio da nova Republica, visitou os lupanares de Berlim, os *cabarets* e restaurantes, compareceu aos *meetings* dos *nazi*, dos communistas, penetrou nas fabricas e usinas, conferenciou com Spengler e Hitler, misturou-se em todas as camadas sociaes. Depois escreveu este livro, resumindo o que viu, ouviu e estudou. Trata-se, pois, de um inquerito interessante, através do qual o jornalista procura definir, determinar o rumo da politica allemã, que na actualidade se nos apresenta como uma grande interrogação. E' uma obra curiosa, fartamente illustrada, digna de leitura.

Karl May — Winnetou — Liv. Globo — Porto Alegre — 1932 — 6$

COM a publicação do terceiro volume, ficou completa a obra do grande escriptor allemão. Trata-se de um romance de aventuras que revolucionou o mercado de livros da Allemanha, sendo vendidos 6 milhões de volumes, segundo informam os editores.

Cornelio Pires — TARRAFADAS — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 1932 — 6$

CORNELIO Pires é um humorista que em São Paulo goza de grande popularidade. Autor de varios livros de contos e adecdotas, agora, publica mais um volume do mesmo genero, cumprindo, assim, a sua missão de fazer rir a humanidade.

Maria Neves de Castro — ANNA MARIA — Editora Moderna — Rio — 1932

A sra. Maria Neves de Castro, festejada autora de *Amphora de Aromas*, publica um novo livro de contos e chronicas. São paginas cheias de luz, que trazem a marca de um espirito de escól.

Paginas vividas, algumas repassadas de melancolia, outras ardentes de enthusiasmo, mas, todas, sem excepção, encantadoras.

Escrevendo com segurança, dotada de imaginação rica, a escriptora sabe conquistar a sympathia do publico pela variedade dos themas que explora.

O trabalho que dá nome ao livro é um pequenino drama de ternura, finamente burilado pela alma sensivel da autora.

Um bello volume, ao qual Paulo Werneck emprestou o brilho do seu lapis, illustrando-o fartamente.

Mathilde Aiguepersе — CAMINHO DO SACRIFICIO — Edts. Flôres & Mano — Rio — 1932 — 4$

TRADUZIDO pelo sr. Bandeira Duarte, este romance para moças apparece na *Collecção Primavera*. Linguagem simples, enredo encantador, bôa apresentação material.

Giovanni Papini — GOG — Liv. Globo — Porto Alegre — 1932 — 8$

PAPINI é um escriptor dos mais brilhantes da actualidade, que dispensa reclame para as suas obras. E' um nome universal, pois já não pertence sómente ás letras da Italia moderna.

O presente volume, traduzido para a nossa lingua, é mais uma revelação do formoso espirito do seu autor.

Gog é uma collectanea de chronicas de belleza inédita, que espelham a suave philosophia de um cerebro previlegiado.

Edgar Wallace — O APARTAMENTO N.º 2 — Comp. Editora Nacional — 1932 — 5$

OS apreciadores das grandes novellas de Wallace têem mais um volume do celebre escriptor traduzido na lingua portugueza, incluido na collecção *Para Todos*.

O original inglez tem o titulo *Flat 2*, dispensando recommendação por se tratar de obra universalmente conhecida.

Rafael Sabatini — FAZEDOR DE REIS — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 1932 — 5$

QUEM leu *Scaramouche*, encontra em *Fazedor de reis* a continuação do grande romance. Trata-se de um livro de Sabatini, recentemente apparecido na Europa, representando a traducção um excellente esforço da editora da collecção *Para Todos*.

N O T A S D E A R T E

FRIEDMAN. — Appareceu de novo ao publico do Rio, depois de alguns annos de ausencia, o extraordinario pianista tudesco Ignaz Friedman. No Theatro Municipal, em a noite de 16 e na tarde de 18 de junho, realizou dois concertos, em que, alem de alguns *extras*, tocou as seguintes composições: I.) MOZART — *Rondó em lá menor;* HUMMEL — *Rondó;* BEETHOVEN — *Sonata em dó menor, op. 111;* CHOPIN — *Nocturno, Barcarola, Mazurka, Valsa, 5 Estudos;* SCHUMAN — *Carnaval;* — II.) BACH-BUSONI — *Chacona;* CHOPIN — *Sonata em si menor, op. 58;* SCHUMAN — *Estudos Symphonicos;* SCRIABINE — *Impromptu;* ALBENIZ — *Triana;* POLDINI — *Estudo em lá maior;* SCHUBERT-FRIEDMAN *Old-Vienna* (II).

O que impressiona immediatamente ouvindo a Friedman é a maravilhosa technica, a posse integral de todos os segredos da arte. Senhor absoluto do teclado, parece brincar tocando. As mais difficeis e abracadabrantes passagens executa-as com tal facilidade que chega ás vezes parecer indifferença. Resente-se então desse, por assim dizer, sabio indifferentismo, a força communicativa do artista. A gente admira, enthusiasma-se mesmo com os effeitos maravilhosos da technica excepcional, mas não se sente bastante emocionado, ou, melhor, a intensidade da emoção não corresponde á grandeza da execução. Isso no emtanto é a excepção. A regra é que se conjugam as duas qualidades primaciaes do instrumentista: a mais perfeita technica e a mais apurada sensibilidade. Prova dessa conjugação foram principalmente as interpretações dos *Rondó* de Mozart e de Hummel — que nos pareceram de prodigiosa perfeição; *Chacona*, de Bach-Busoni; *Carnaval* e *Estudos Symphonicos*, de Schumann. Em todas essas peças fez o pianista vibrar de intensa emoção todos os ouvintes pelo colorido delicado, ou pelos grandes effeitos de sonoridade, e pela individualidade com que as interpretou. Assim tambem quando executou o *Allegro* e a *Arietta* da *Sonata*, de Beethoven, e o *Allegro* e o *Finale* da *Sonata*, de Chopin. Mas o que constituiu verdadeira maravilha, o que ouvimos tocados como nunca, foram os 5 *Estudos* de Chopin.

Sentimos algo de novo, sem que a novidade sacrificasse a belleza nas excepcionaes e individualissimas interpretações do pianista allemão. Pareceu-nos que Chopin redivivo acharia tambem bellezas novas nos seus immortaes poemas assim interpretados pelo magico piano de Friedman.

Predicado a destacar-se ainda entre os que exornam o celebre pianista é a elegancia no tocar. Sem ser primordial, é rara. Notamo-la por isso. Sob esse aspecto poucos nos têm impressionado. Só nos lembramos de um, ou, melhor, de uma: Madalena Tagliaferro.

Não precisa assignalar que o grande mestre do piano foi delirantemente ovacionado. Ouviram-se mesmo, entre as incessantes e ruidosas palmas, muitos bravos, irrompendo espontaneamente deante do explendor de execuções sem par.

Arnaldo Marchesotti é uma interessante e promissora organização artistica. O joven pianista cégo dia a dia mais affirma perante o nosso publico o suggestivo encanto de sua arte, dominando o teclado com segurança de technica e harmonia de rythmos.

Não concluímos sem registrar uma impressão, que não sabemos ser unicamente nossa — impressão de admirador leigo, de mero chronista, e não de conhecedor da musica, de critico profissional — ou se outros, mais competentes no assumpto a tiveram tambem. E é que ainda uma vez não achamos quem exceda ou mesmo iguale a Guiomar Novaes, tocando o *Largo* da *Sonata* 58 de Chopin. Hontem Casadessus hoje Friedman, nenhum delles conseguiu produzir as incomparaveis emoções de sublime poesia, que nos sabem dar as mãos canoras, a alma lyrica da genial pianista brasileira. Registramol-o, é escusado dizer, sem nenhum intuito — que seria ridicula e tola pretensão — de depreciar nomes consagrados da pianistica mundial, mas para valorizar ainda mais, se é possivel, a celebre artista nacional a quem o publico e a critica dos Estados Unidos deram a antonomazia gloriosa de "Paderewski dos Pampas". Não erraremos talvez se dissermos que os proprios Casadessus e Friedman concordariam comnosco se ouvissem Guiomar Novaes interpretando o celebre trecho da celebre *Sonata*...

QUARTETO DE LONDRES — Parece ter sido definitivamente o ultimo desta temporada, o 5.º concerto do Q. de L., realizado no T. M. em a noite de 14 de junho. Alem de varios e bellos *extra* em que figurou o tanto mais bello quanto mais ouvido *Nocturno* de Borodine, foi executado este programma: *Quartetto em ré maior*, de Haydn; *Les Dunes*, de Mc. Erven; *Allegro Felice*, de Davies; *Quartetto em ré maior*, de Tschaikowsky.

A mesma impeccavel interpretação de todos os numeros, só permitte destacar-se os que se distinguem pela propria belleza da composição. E foram *Les Dunes* e o *Andante cantabile*, do concerto de Tschaikowsky. Em algumas das peças em *extra* assignalamos ainda os solos do 1.º violino e do violoncello, de grande, de extraordinario brilho. Parece que os quatro *violinolacellistas*, como lhes chamamos para significar a maravilhosa unidade dos quatro instrumentos, tornados um só, o *violinolacello*, são de per si, grandes *virtuoses*: dois notaveis violinistas, um magnifico violista e um esplendido violoncelista. Por isso mesmo, a combinação dos quatro produz o excepcional conjunto, que é o Quarteto de Londres.

Felizmente o concerto de despedida teve concorrencia pouco vulgar. E fechou — não se pode escapar á chapa — com chave de ouro: ouviu-se pela quarta vez o primor de belleza lyrica musical, que é o bellissimo *Nocturno* de Borodine.

O publico ultraemocionado redobrou de enthusiasmo, saudando com estrepitosas palmas e incontidos bravos, todos os quatro artistas.

O S C A R D' A L V A

OS ROMANCES

DE «FON-FON»

CONSTITUEM um bom passatempo, pelo muito que tem sua leitura de agradavel e instructiva. Seus enredos habilmente desenvolvidos pelo espirito creador do grande Michel Zévaco, que admiravelmente, liga á parte historica aventuras de amor, e odios implacaveis, prendem a attenção do leitor, proporcionando-lhe horas de prazer. Essas obras interessantissimas, cuja collecção constitue um verdadeiro thesouro literario, são traduzidas e editadas pela Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A. Na administração desta Empresa encontram-se as collecções de romances abaixo descriminadas que podem ser enviadas a quem as pedir, podendo as importancias respectivas serem remettidas em carta registrada com valor declarado, vale postal ou sellos do Correio, para a Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A.

Michel Zevaco.

PREÇO DAS COLLECÇÕES:

OS PARDAILLAN, 12 fase., 6$000, pelo correio 7$200 — EPOPÉA DE AMOR, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — FAUSTA, 10 fase., 5$000, pelo correio 6$000 — FAUSTA VENCIDA, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — PARDAILLAN E FAUSTA, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — AMORES DE NANICO, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — O FILHO DE PARDAILLAN, 16 fases., 8$000, pelo correio 9$600 — CAPITAN, 14 fases., 7$000, pelo correio 8$400 — BURIDAN, 19 fases., 9$500, pelo correio 11$400 — PONTE DOS SUSPIROS, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — AMANTES DE VENEZA, 7 fases., 3$500, pelo correio 4$200 — O CASTELLO SAINT POL, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — JOÃO SEM MEDO, 6 fases., 3$000, pelo correio 3$600 — HEROINA, 14 fases., 7$000, pelo correio 6$400 — NOSTRADAMUS, 13 fases., 6$500, pelo correio 7$800 — DON JUAN, 7 fases., 3$500, pelo correio 4$200 — REI AMOROSO, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — A GRANDE AVENTURA, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — A DAMA DE BRANCO E A DAMA DE PRETO, 7 fases., 3$500, pelo correio 4$200 — O RIVAL DO REI, 7 fases., 3$500, pelo correio 4$200 — TRIBOULET, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — PATEO DOS MILAGRES, 10 fases., 5$000, pelo correio 6$000 — A RAINHA ISABEL, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — PASSAVANT, 9 fases., 4$500, pelo correio 5$400 — MARIA ROSA, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — FLORES DE PARIS, 20 fases., 10$000, pelo correio 12$000 — FLORINDA A BELLA, 5 fases., 2$500, pelo correio 3$000 — O CONDE REI, 6 fases., 3$000, pelo correio 3$600 — A RAINHA DO ARGOT, 13 fases., 6$500, pelo correio 7$800 — O FIM DE PARDAILLAN, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800 — O FIM DE FAUSTA, 8 fases., 4$000, pelo correio 4$800.

Pedidos a EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

RUA REPUBLICA DO PERÚ, 62 -- Rio de Janeiro

CARTAS DE AMOR

— MEU querido Heitor — disse Luis Géraud, — trata-se de uma attracção irresistivel. Desde que encontrei essa mulher adoravel, não ha nenhuma outra para mim, no mundo.

— E Thereza, que te ama, e a quem amavas? — falou Heitor Morlet. — Um vinculo amoroso de sete annos!

— Oh, Heitor! Quasi toda a literatura roda sobre a fragilidade do coração... Não vou retomar esse argumento, que foi desenvolvido sob todas as suas fórmas... Proponho-me, comtudo, guardar considerações a Thereza... Disse lhe que tenho que fazer uma viagem de um mez. Durante esse mez, só quero pensar naquella que será, por um tempo muito breve, minha companheira ideal.

— Então?

— Então, contei comtigo. Enviar-me-ás, completamente promptas, cartas apaixonadas que eu só terei que expedir. Por uma feliz casualidade, nossas calligraphias são quasi semelhantes. Si fosse necessario, diria que feri ligeiramente o dedo. O sêllo do correio justificará a origem dessas cartas... Pódes muito bem fazer-me esse favor... Um mez de embriaguez: quero consagrar-me inteiramente a essa felicidade perfeita. De accordo?

— Desde que o exiges...

* * *

O mez prolongou-se um pouco. Heitor Morlet mantinha fielmente a palavra dada. Thereza Debray recebia exactamente essas ternas missivas — muito mais ternas que nunca, — ás quaes dava, no mesmo tom, respostas que em momento algum foram abertas por Géraud.

Quando este regressou a Paris, ainda se achava sob o sortilegio de seu novo amor. Embora quizesse tomar algumas precauções para não alarmar Theresa, dissimulou bom mal a impetuosa paixão que se havia apoderado delle. Provocou as suspeitas de sua antiga amiga, surprehendida pela contradicção que existia entre suas cartas recentes, tão ardentes, tão apaixonadas, e sua actual conducta. Theresa era de natureza ciumenta. Espiou Luis Géraud. Não tardou em se convencer de que tinha uma rival. Indignou-se, supplicou, ameaçou... "Que não póde sobre nós uma mulher que chora!" — diz o velho proverbio. Mas ha lagrimas de cólera que irritam mais do que acalmam aquelles que as faz derramar.

Produziram-se as phases habituaes dessas dissenções: queixas, scenas violentas, curtas trégoas de fingida paz, novas discussões ainda mais ásperas. Por fim, um dia, Luis Géraud, que continuava ainda sob a fascinação da outra, foi cruel e ingrato com a mulher de quem estava cansado, e provocou o rompimento.

Theresa, ao se dar a separação, experimentou um profundo pesar. Era o desmoronamento de sua vida, tanto mais doloroso quanto não pudéra absolutamente evitál-o. Depois sentiu fermentar dentro de seu peito idéas de vingança. Quando divisou Géraud em companhia da joven por quem fôra abandonada e que, a seus olhos, não tinha nenhum encanto comparavel ao seu, exasperada, comprou um revolver, ficou á espreita e atirou contra o infiel que sahiu ferido seriamente no hombro.

O processo produziu sensação e interesse. Os protagonistas eram uma bella mulher e um conhecido aristocrata. Não era preciso mais para commover a opinião.

A justiça não acceitou a desistencia de Géraud, que, em vias de cura, havia galantemente declarado que desculpava aquelle gesto de extrema precipitação.

Por seu lado, Theresa tinha um advogado que se propunha tirar todo o partido possivel da defesa da bella accusada, e dramatizar ainda todos os factos, para arrancar uma absolvição sensacional e cimentar assim seu proprio prestigio. Contra a opinião da propria Theresa, que deplorava o acto commettido em um momento de loucura, o advogado se propunha castigar o amante voluvel.

Nos primeiros instantes quando Theresa ainda se encontrava presa de seu furor homicida, o advogado conseguira convencel-a a entregar-lhe as cartas de Géraud. E, de posse das mesmas, assim falou aos jurados:

— O que eu não saberia condemnar bastante, senhores jurados, é a duplicidade deste homem, tanto mais odiosa quanto maior era a bôa fé de minha constituinte. Em que se poderia acreditar, si cartas como estas não convencessem a uma mulher do amor que inspirára?" Nestas epistolas ardentes, oppondo-se ao pensamento de uma traição, está a explicação do movimento de rebeldia de uma pessôa leal, indignada por tantas mentiras...

E, dando á sua voz toda a harmonia e todo o emphase possiveis, leu alguns trechos dessas cartas:

De Paul Ginisty

"...Quem seria depositario de todos os meus sentimentos, si não fosses tu que o inspasses?"

"...Ah, querida amada! Onde quer que estejas, faças o que fizeres no momento em que escrevo, no momento em que teu retrato recebe tudo o que teu idólatra amante dirige á tua pessôa, não sentes teu encantador rosto inundado de lagrimas de amor? Não sentes teus olhos, tuas faces, tua bôcca apertados, comprimidos, inundados por meus ardentes beijos? Não te sentes abrazada pelo fôgo de meus labios ardentes?"

Era tarde. O presidente do tribunal se dirigiu ao advogado:

— Essa leitura vae prolongar-se, não é verdade? Nesse caso, poderiamos adiar para a audiencia de amanhã o fim de sua defesa.

Luis Géraud que alli fôra cavalheirescamente para depôr em favor de Theresa, parecia estupefacto.

— Como pude ter a idéa de escrever isso? — repetia.

— Oh! — disse-lhe Heitor Morlet, que acompanhava Géraud, — tu me havias pedido que escrevesse por ti uma serie de cartas as mais ardentes que fosse possivel...

— Mas, nesse estylo... E' uma loucura!

— E' necessario que te confesse que a inspiração não me auxiliou. Tirei essas cartas, que me pareceram congruentes, de um tomo de "A Nova Heloisa", que cahiu em minhas mãos... De que te queixas? São nada mais nada menos que de João Jacob Rousseau.

— Desgraçado! Não me basta que já me tenham ferido. Tu me collocas no mais espantoso dos ridiculos!... E ainda ris!...

— Rio do advogado que tomou tão a peito essa prosa lyrica do seculo dezoito. Elle é quem cahirá no ridiculo.

— Elle e eu. Isso não é um desencargo para meu amor proprio... Que occasião se offerece ao bemdito defensor para encher-me de vituperios!

— Não o creio. Seria elle o primeiro a resentir-se por sua falta de perspicacia attribuindo a um homem moderno como tu esse estylo epistolar pathetico e passado de moda... Espera, que vou falar com elle...

— Fazes-me tremer. Que outra loucura imaginaste?

— Deixa-me fazer.

Heitor Morlet foi buscar o advogado no vestiario, onde estava tirando a toga, um pouco aborrecido porque, segundo elle, haviam cortado o effeito de sua leitura. Revelou-lhe a origem daquellas cartas. O defensor de Theresa, tão prompto ao ataque de sua victima, ficou consternado. Seu primeiro pensamento foi pedir um segredo absoluto.

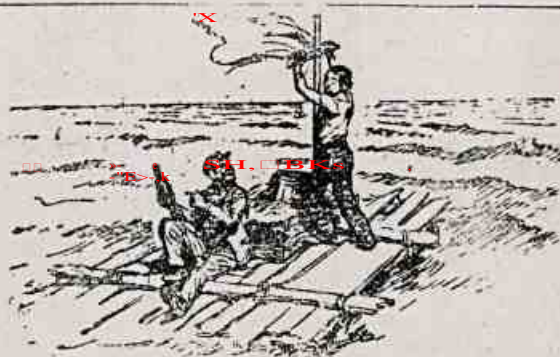
— Eu não vejo inconveniente nisso — disse Morlet. — Mas no Palacio dos Tribunaes ha homens de letras, e o senhor poderia ter que supportar troças sangrentas por essa mystificação, da qual meu amigo Géraud é completamente innocente.

— Ah! — exclamou o advogado, com evidente inquietude. — Quantas troças presinto, effectivamente!... Uma defesa tão bem começada, um exito que tinha como certo... E essas malfadadas cartas vêm destruir tudo! Agora me lembro que, a principio, ellas me pareceram de uma época bem differente da nossa...

— Permitte-me um conselho, doutor? Prepare outro exito, de um effeito muito mais theatral... Annuncie amanhã que os dois amantes se reconciliaram, a tal ponto que se vão casar, e solicite dos jurados sua benção com uma absolvição que se impõe.

— Mas... e minha constituinte?

— Conheço Theresa. Desde que esteve na imminencia de assassinar Géraud, tenho a certeza de que o adora. Depois, desses incidentes tormentosos, ambos estão fadados a formar o melhor casal do mundo. Eu não tenho mais do que persuadir meu amigo. Conseguil-o-ei com um irrefutavel argumento, que se enquadra bem dentro da logica das causas passionaes. Dir-lhe-ei: "Em resumo, querido Géraud, não ha mulher que possa querer-te tanto quanto Theresa, uma vez que ella te quiz matar!"

Theresa e Luis Géraud formam, hoje, o casal mais unido e apaixonado que possa existir. E' claro que ella não sabe que aquella bala de revolver, disparada em um momento de furor homicida, foi a geradora de sua felicidade. Ainda que, talvez, tanto ella como Luis Géraud devam agradecer esse desenlace inesperado ao amigo Heitor, por sua idéa de copiar e não escrever cartas de amor originaes...

— Não sejas apressado, homem! Espera que acabémos de esvaziar a garrafa!

Seara alheia

Musica, rythmo, melodia

A musica melodica e rythmica não diz, realmente, nada. Mas nos dá a impressão de que ouvimos versos maravilhosos, cujo sentido acreditamos adivinhar por meio de associações emotivas. A musica symphonica, como nada evoca, é uma prosa absolutamente falha de sentido e que, nas operas a muitos causa a impressão de verem interpretar um drama em chinez com acompanhamento de tam-tam. — JULIO PIQUET.

Arvores

Arvores bemfazejas que fostes o encanto da minha infancia e que sempre contemplei embevecido e grato! Eu vos defenderei e ampararei, conservando-vos illesas, como vos creou a Natureza, sobre os regatos frescos que rodeiam minha rustica vivenda, para que vossa espessa ramagem continue derramando sobre ella a frescura de vossa sombra amiga, o balsamo de vossas flores, a ambrosia de vossos fructos, o canto de vossas aves!

Ah! arvores amigas, espalhae, como sempre, em redor de minha cabana, a fragrancia e a fartura, a alegria e a saúde! — MARCOS SASTRE.

Conselho de don Quichote

Orgulha-te sempre, Sancho, da humildade da tua linhagem e não te constranjas nem percas occasião de dizer que és filho de camponios. Porque melhor será sempre ser humilde virtuoso que peccador soberbo. E innumeros são aquelles que, nascidos de baixa estirpe, se elevaram á summa dignidade pontificia e imperatoria. Desta verdade poderia citar-te tantos exemplos, que te cançarias a ouvir-me. E não esqueças, Sancho, se tens amor á virtude, e te agrada fazer obras de virtude de que não deves invejar os que nasceram principes e senhores, porque o sangue se herda e a virtude só por si vale o que não vale o sangue. — CERVANTES.

Pensamentos

Se se ama a vida, teme-se a morte.

Um dos defeitos da má poesia é alargar a prosa, como o caracteristico principal da boa é abrevial-a. — VAUVENARGUES.

O ESPIRRO — A superstição de que é objecto o espirro pode não ser universal, mas está grandemente difundida por todos os paizes do globo.

Porque, agora, a universalidade de semelhante costume? Porque esse valor outorgado a um phenomeno que não é mais extraordinario que muitos outros actos puramente physiologicos?

Porque motivo?

E' porque se supponha que o espirro provinha do cerebro, a parte mais sagrada do corpo, a séde da intelligencia e das demais qualidades do espirito?

* * *

ESCOLA DE... PAPAGAIOS — O louro mais charlatão não é o de cores variadas e vivas e sim o de tom cinza, que realmente se encontra na costa africana do Atlantico. Se o papagaio é intelligente bastam-lhe cinco ou seis dias para aprender a deter e repetir o que ouve, isso com uma exactidão realmente admiravel.

Para alcançar resultados satisfactorios recommenda um professor de louros — é bom observar o seguinte methodo: ensinar ao papagaio uma palavra e não intentar outra sem que elle tenha aprendido bem a primeira.

*

VEGETARIANOS FAMOSOS — Ouida, a celebre escriptora, alimentava-se exclusivamente de fructas; Tolstoi passou largos annos sem provar carne; a Patti assegurava que tinha conservado sua voz e sua mocidade graças ás verduras e ás fructas; Edison servia-se quasi que somente de leite, laranjas, uvas e pão; François Coppée, durante uma doença absteve-se de comer carne e deu-se tão bem com esse regimen que não voltou mais a comêl-a pelo resto de sua vida.

*

O "POLICE CODE" — Scotland Yard é o departamento da policia de Londres e seus altos funccionarios estão a estudar agora se devem ou não abandonar o *Police Code*, o codigo secreto que os policiaes empregam para se communicarem um com os outros. O referido codigo, que é muito complicado e custa muito caro, tem que ser renovado a meudo porque os policiaes cedo verificam que os malfeitores de todo genero logo o ficam conhecendo. Então, naturalmente, mudam os termos do codigo.

Em vista disto, as autoridades de Scotland Yard pensam em supprimir o *code*, adoptando um outro systema de communicação.

A SOCIEDADE DOS RUIVOS

(SHERLOCK HOLMES) — POR CONAN DOYLE

O anno passado, no outomno, entrei um dia em casa do meu amigo Sherlock Holmes. Fui encontral-o em conferencia com um sujeito, muito nutrido, de meia idade, e cujas bochechas rubicundas e cabello ruivo assanhado me impressionaram de modo singular.

Ia retirar-me tartamudeando uma desculpa, eis que, de chofre, Sherlock Holmes puxa por mim até a sala e fecha a porta.

— Não podia chegar mais a proposito, caro doutor, exclamou com cordialidade.

— Deveras? E eu a cuidar que estaria occupadissimo.

— E estou, effectivamente.

— Então, se me dá licença, vou esperar pelo amigo na saleta.

— De modo nenhum; senhor Wilson, proferiu, dirigindo-se ao sujeito nutrido, o doutor aqui presente tem sido meu socio e meu collaborador em varias circumstancias em que me foi dado esclarecer negocios muitissimos intrincados; e será com certeza um prestavel auxiliar no caso que acaba de submetter-me.

A personagem a quem se dirigia Holmes, ergueu-se da cadeira, esboçando um cumprimento, e os olhinhos encobertos com as pregas da arcada superciliar, lampejaram-lhe.

— Sente-se ali, no canapé, disse Holmes, emquanto elle proprio se refestelava na poltrona, encruzando os dedos, nervoso, segundo tinha por costume sempre que se tratava de uma causa importante. Meu caro Watson, sei que coparticipa da minha paixão por tudo que é extravagante; que o attrahe, por egual tudo aquillo que se afasta da convenção e do ramerrão monotono de cada dia. Disso tem dado provas, enthusiasticas, até, nas chronicas, um tanto ou quanto embellezadas, aliás, — tenha paciencia — que tem publicado acerca das minhas modestas aventuras.

— Não ignora, caro amigo a que ponto me tenho interessado pelas suas causas judiciaes, respondi.

— Está lembrado a semelhante proposito, da observação que ha dias me foi suggerida por aquelle problema tão singelo exposto por Miss Mary Sutherland? Emitti a asserção de como na vida real se dão effeitos tão extraordinarios, que excedem a quanto a mais phantastica e mais arrojada imaginativa poderia inventar.

— Lembro-me, sim, e por signal que me atrevi até, a impugnal-a.

— Optimamente, doutor, o que não o tolhe de vir dentro em pouco a perfilhar a minha opinião, visto como o seu raciocinio será esmagado pelas mais indiscutiveis provas. Aqui tem Mr. Jabez Wilson, que teve a bondade de procurar-me esta manhã, para me transmittir a mais empolgante narrativa de quantas jamais terão ferido o ouvido a alguem.

"Acaso não terá acontecido por mais de uma vez o eu haver chamado a sua attenção para a singularissima anomalia de que, entre dois crimes ha de ser sempre o mais grave aquelle que apresentará feição mais singela, ao passo que ao outro complical-o-hão circumstancias de tanta extranheza e de inverosimilhança tal, que acabamos por cogitar se, com effeito, se deu, ou não, se é na realidade um delicto...

"Até hoje, e no presente caso, é-me impossivel emittir uma opinião qualquer, a tal ponto se me antolham insolitos os factos que se me apresentam.

Se tivesse a bondade, senhor Wilson, de recapitular mais uma vez a sua narrativa? Prestaria um serviço, não só ao meu amigo doutor, que se não acha inteirado da situação, mas a mim tambem, facultando-me o ouvir outra vez da sua bocca, para delles me compenetrar mais cabalmente, os pormenores todos de tão estrambolica aventura.

"Succede muita vez ser para mim sufficiente guia, uma noção summaria dos acontecimentos, e muito

mais relembrando-me quantas causas celebres me foi dado estudar. E todavia, no presente caso, confesso que me encontro em presença de circumstancias absolutamente fóra do convencional". .

O nutrido cliente arqueou o largo peito, com affectação, e sacou do bolso da sobrecasaca um jornal velho muito amarfanhado. Ao vel-o assim, na minha frente, debruçado para diante (corria a vista pela columna dos annuncios, no jornal que estendera sobre os joelhos), tentei lançar mão dos processos de analyse do meu collega e de assentar a minha opinião acerca daquelle individuo pelo aspecto do vestuario e da propria pessoa.

A minha inspecção não deu resultado claro: o nosso visitante apresentava na integra o exterior commum á maioria dos commerciantes inglezes: obeso, solenne e grave.

Usava calças de xadrez, cinzentas e um tanto largas, sobrecasaca preta meio desabotoada, collete cinzento; uma pesada cadeia de *Albert* de latão e um pedaço de metal, á feição de berloque, completavam os atavios.

A par do sujeito, o chapeu alto, amolgado, e um sobretudo côr de castanha, desbotado, com a gola de velludo, já coçada, não ministraram a minima luz ás minhas investigações.

Não lhe differenciei signal algum caracteristico, a não ser o cabello ruivo afogueado, e uma expressão de summo descontetamento e de magua, até, a invadir-lhe o semblante.

Sherlock, com a costumada vivacidade, aprehendeu-me o pensamento e o meu olhar inquisitorial fêl-o sorrir, ligeiramente. Abanou a cabeça.

— E' mais que evidente, disse elle, que, em uma época qualquer da sua vida, o senhor se haja entregue a trabalhos manuaes, toma rapé, é maçon, já esteve na China e tem escripto muito nestes tempos mais recentes; e nada mais sei.

Mister Jahez Wilson deu um pulo na cadeira, de jornal na mão, e fitos os olhos no meu amigo, com ares de espavorido:

— Essa agora! em nome de Deus! como é que o soube, senhor Holmes? exclamou. Quem foi que lhe disse que eu exerci profissão manual? — E o caso é que é verdade... palavra... fui carpinteiro no arsenal de marinha.

— Está-se a metter pelos olhos, meu caro senhor. A sua mão direita é perceptivelmente maior que a esquerda, o que prova que os musculos se desenvolveram com o trabalho.

— Pois sim, mas como é que o senhor percebeu que tenho por habito tomar rapé? Que sou filiado á Maçonaria?

— Não lhe farei a injuria de lhe dizer o modo por que o vim a saber; visto como, contra todas as regras da sua associação, usa as respectivas insignias, o circulo e o compasso, no alfinete da gravata.

— Ah! sim! é verdade! E a mim que nem tal coisa me occorreu. Mas como é que soube que tenho escripto muito ultimamente?

— Como se explica então, a presença, na manga do seu braço direito, dessa mancha luzidia, com cinco pollegadas de comprido, e na outra, essa passagem tão bem tomada, no sitio em que o cotovelo encostava na carteira?

— E por onde conheceu que eu já estive na China?

— Affigura-se-me que esse peixe em tatuagem, logo acima do pulso direito, só pode ter sido feito no Celeste Imperio. Tenho feito um estudo especial acerca da tatuagem, e já o publiquei até. Esse matiz cor de rosa, desmaiado, das escamas do peixe, é absolutamente privativo da China. E demais a mais estou-lhe vendo daqui, servindo de berloque, uma sapêca (1) chineza, dependurada na corrente do relogio, e quer-me parecer que não será preciso ser muito feiticeiro para avançar que já esteve no alludido paiz.

Mister Jahez Wilson riu com um riso estridulo e parvo.

— Palavra!... exclamou, e eu a suppor que o senhor era muito habil, antes de conhecer o seu processo; e sabidas as contas é simplicissimo.

— Vou começando a perceber, Watson, disse Holmes, que não faço bem dando explicações. Conhece o proverbio: "Omne ignotum pro magnifico", e a coitada da minha reputação, se persisto em usar de

(1) Moeda chineza.

(Continúa na pag. seguinte)

semelhante franqueza, está aqui está em terra... Não poderei encontrar o annuncio em que me falou, sr. Wilson?

— Ora cá está, respondeu este, apontando com o grosso dedo a columna do jornal, que tirou do bolso; eil-a aqui, e d'aqui foi que se armou a historia toda. Leia o senhor faça o favor.

Tomei-lhe das mãos o jornal, e li o seguinte:

"A *Sociedade dos Ruivos*

"Por motivo do legado do fallecido Ezekiah Hopkins, de Lebanon, Penn, Estados Unidos da America, dá-se a circumstancia de se achar vago na liga um logar que dá direito a um salario de quatro libras e meia por semana, a troco de serviços puramente nominaes.

Todo e qualquer homem ruivo, são de corpo e de espirito, e contando mais de vinte e um annos é elegivel.

Dirigir-se pessoalmente, na segunda-feira, ás onze horas, a Duncan Ross, no escriptorio da Liga, 7. Pope's court. Fleet-Street."

— Que dominio quererá isto dizer? exclamei em seguida a haver lido pela segunda vez tão estrambolico annuncio.

Holmes teve um ar de riso e refestelou-se na cadeira, signal certo para elle da maxima alegria.

— Passa um pouco acima do vulgar, não acha Watson? perguntei. E agora, sr. Wilson, vamos aos factos, e conte-nos tudo o que lhe diz respeito, quer ao senhor, quer aos seus. Qual foi a influencia do tal annuncio na sua sorte? Doutor, faça-me a fineza de escrever no seu livro de notas o titulo do jornal e a data.

— Veio no *Morning-Chronicle*, de 9 de Abril de 1908. — E já lá vão tres mezes.

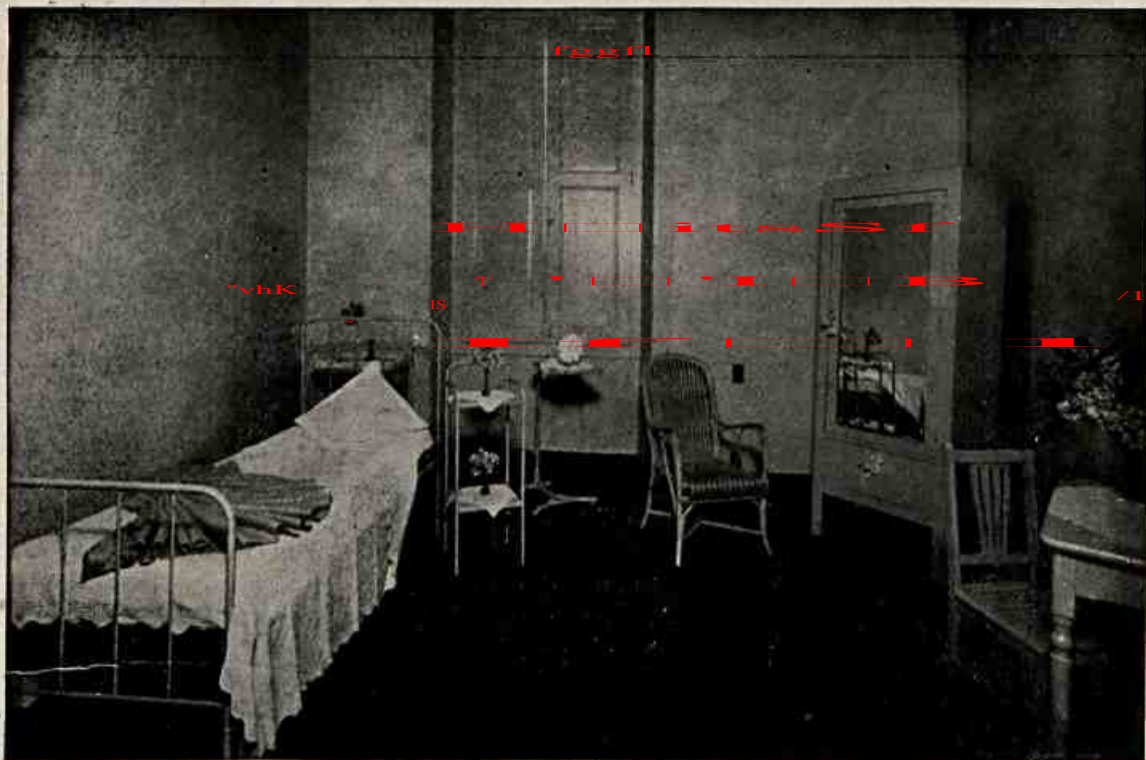
— Exactamente. Tem a palavra o senhor Wilson.

— Pois bem! Como eu ia dizendo senhor Sherlock Holmes, proseguiu o nosso cliente, carregando o sobr'olho, tenho um escriptoriosinho de emprestimos sobre penhores em Cobourg Square, ao pé da City. Não é um estabelecimento muito importante, e nestes annos mais proximos, tem-me custado e não pouco equilibrar a receita com a despeza. Tive dois empregados; vi-me na necessidade de prescindir de um e não teria outro remedio senão despedir o segundo, se o bom do rapaz não houvesse annuido, com o fito em aprender o officio, a entrar para o meu serviço com a metade do ordenado.

— E como se chama esse mancebo tão obsequiador? indagou Sherlock.

— Chama-se Vicente Spaulding e não é tão novo como apparenta á primeira vista; eu proprio não seria capaz de lhe acertar com a idade, mas apesar disso é um empregado de primeira ordem; encontraria, com a maxima facilidade, quem lhe disse o dobro do que eu lhe dou. E d'ahi, visto que elle está contente, não serei eu quem lhe vá inspirar idéas de ambição não é?

— Com effeito! Deve-se dar por muito feliz em dispor de um optimo empregado em tão modestas condições. E' caso raro, entre empregados dessa idade, e hesito em decidir o que é que mais se deve admirar, se o seu annuncio, se o seu empregado.

— Valha-me Deus! Nem por isso deixa de ter defeitos, observou Wilson. Ainda não vi levar mais longe a paixão pela photogrraphia. Nas horas em que devia attender ao trabalho, agarra na machina photographica, safa-se lá para baixo para o subterraneo, e vae se esconder, como coelho na toca, a revelar as chapas. E' o seu maior defeito. Afóra isso é um bom trabalhador, e por elle não veria mal ao mundo.

— Presumo que ainda se conservará no seu estabelecimento?

— Conserva-se, sim senhor, e tenho-o a elle e a uma rapariguinha, de quatorze annos, que entende alguma coisa de cozinha e trata da limpeza da casa; pois sou viuvo, e sem parentes. Vivemos na mais santa paz, sr. Holmes, todos tres; e os ganhos mal chegam para contar com um tecto que nos abrigue da chuva e não dever nada a ninguem, e disse...

"A primeira coisa que veio abalar a monotonia do nosso viver foi o tal annuncio. O Spaulding entrou-me um dia por ali a dentro e recordo-me de que hoje fazem tres mezes, exactamente, com este mesmo jornal na mão, e exclamou:

— Ai senhor Wilson! que pena eu tenho de não ser bem ruivo!

— Então por que? perguntei.

— Porque? Vagou um logar na "Sociedade dos Ruivos". Isso representa um rendimentosinho bem bom para aquelle que for admittido. Se não me engano o numero dos logares excede o dos socios, de modo que os administradores nem sabem o que hão de fazer com o capital. Pudesse eu mudar a côr do cabello, e veriam como eu teria a correr até lá.

— Mas que demonio de historia é essa? exclamei. E note o senhor Holmes que sou um homem muito caseiro. Veem ter commigo os negocios de modo que escuso de me incommodar; e passam-se, ás vezes, semanas inteiras sem que eu tenha de pôr os pés fóra de casa. N'essa conformidade, não sei nada do que vae correndo por esse mundo afóra; qualquer novidade me desperta interesse, desde logo.

— Nunca tinha ouvido falar na tal "Sociedade dos Ruivos"? perguntou o meu empregado a arregalar muito os olhos.

— Nunca.

— Admira! Pois ninguem melhor que o senhor está nos casos de pertencer a ella.

— E quanto recebem os socios?

— Ora! Para ahi umas trezentas libras; o trabalho é leve, de mais a mais, e nem por isso prejudica muito a qualquer outra occupação que uma pessoa tenha.

Conforme deve suppor, a resposta fez-me despertar a ambição; pois que ha annos a esta parte os negocios não têm corrido muito bem, e trezentas libras, não é quantia que alguem despreze.

— Mas conte-me tudo isso com mais detalhes, disse eu ao Spaulding.

— Pois então, ahi vae, respondeu mostrando-me o annuncio, leia e verá que a Sociedade anda em busca de um membro, e ha de encontrar a direcção do escriptorio onde terá que se apresentar se quizer informações mais desenvolvidas. O que lhe sei dizer é que a Sociedade foi fundada por um millionario americano, muito original, um tal Ezekiah Hopkins. Elle proprio era ruivo e dedicava immensa sympathia aos individuos que tinham o cabello dessa cor; de modo que quando falleceu, veio-se ao conhecimento de que tinha deixado a sua consideravel fortuna a cinco fidei-commissarios, com o encargo de pagarem os juros a homens ruivos necessitados. Segundo me consta, é situação bem paga, e o trabalho, pouco ou nenhum.

— Mas, a estas horas, já uns milhões de ruivos hão de estar com o olho no tal logar?

— Não serão tantos como lhe parece, visto como apenas são admittidos os moradores de Londres, e gente de edade.

"O americano tinha sahido de Londres muito moço, e não quiz ser ingrato com a velha cidade. Accrescentarei ainda, que os individuos com o cabello ruivo, desmaiado, ou escuro, são excluidos; só é admittido um cambiante: o ruivo côr de fogo.

(Continúa na pag. seguinte)

"E agora, senhor Wilson, se deseja apresentar-se, está nos casos; pode ser no fim de contas, que por trezentas libras talvez não valha a pena incommodar-se.

"Ora, conforme estão vendo, meus senhores, o meu cabello é de uma côr muito accentuada; e nessa conformidade queria-me parecer que num concurso teria em meu favor mais probabilidade que outro qualquer. E afigurou-se-me achar se tão bem informado Vicente Spaulding que não hesitei em agregal-o á minha pessoa, dando-lhe ordem de fechar o escriptorio durante aquelle dia. Elle contentissimo pelo feriado que eu lhe proporcionava acompanhou-me e encaminhamo-nos para o endereço indicado no jornal. Não espero tornar a presencear em minha vida espectaculo semelhante áquelle que vi então, senhor Holmes: de norte a sul, de leste a oeste, quanto individuo existia no mundo com cabello de um matiz avermelhado concorrera á *City*, para accudir ao annuncio. Fleet-Street, achava se atulhada de gente de cabello ruivo, e Pope's Court dava a idea de um carro de mão a abarrotar de laranjas. Nunca me passou pela idéa que pudesse existir tanta gente ruiva. Estavam representados na integra os cambiantes da alludida côr: côr de palha, de limão, de laranja, de abobora, de barro; mas, conforme m'o affirmara Spaulding, poucos se encontravam desse matiz ruivo afogueado que é a cor do meu. Entregue a mim proprio, e ao deparar-se-me tão avultado numero de concorrentes, por minha vontade haveria desistido de entrar em competencia. Spaulding, comtudo, não me consentiu o retirar-me. Nem sei o modo porque se houve: eram empurrões, safanões, cotoveladas, e tanto fez que furamos ambos por entre a turba-multa e pregou commigo no patim da escada que conduzia para o escriptorio e em cujos degraus embatia a onda dos que subiam alentados de sperança, e a onda dos que desciam tristes e desconsolados; até que por fim forçamos a passagem e lá conseguimos entrar.

— E' muito interessante esse seu exordio, atalhou Holmes, emquanto o seu cliente parava a recapitular as reminiscencias com o auxilio de uma boa pitada. Continue a sua narrativa, faça favor.

— No escriptorio havia apenas uma cadeira de madeira, e um balcão, e por detraz deste estacionava um sujeitinho ainda mais ruivo do que eu. Dirigia uma palavra a cada candidato, no acto em que este se aproximava, encontrando-lhe sempre um qualquer defeito inhabilitando-o. Não me pareceu tarefa tão facil a admissão como a principio eu me deixara persuadir. Até que por fim, quando chegou a minha vez, o homenzinho afigurou-se-me estar inclinado mais em meu favor do que em favor de outro qualquer; fechou até a porta, para conversar a sós comnosco.

— Trago-lhe aqui o senhor Jabez Wilson, declarou o meu empregado: está disposto a entrar para a Sociedade.

— E effectivamente reúne os predicados requeridos para semelhante fim, respondeu o outro. Não me recordo de ter visto um cambiante tão perfeito em cabello nenhum!

"Recuou um passo, como que para melhor procurar a luz, olhou para a esquerda, e fitou os olhos no meu cabello a ponto de me intimidar. Depois, de golpe, dando um passo para mim, apertou-me a mão e felicitou-me calorosamente pelo meu feliz exito.

—Seria injusto hesitar um só instante em o admittir na Sociedade, e no emtanto, consinta-me uma precaução que, aliás, não poderia melindral-o, espero eu.

"Isto dizendo, agarrou ás mãos ambas uma mão cheia do meu cabello e puxou-m'o com tanta força que me arrancou um involuntario grito de dor.

— Vieram-lhe as lagrimas aos olhos, disse, largando-me, afinal. Vejo que não ha a minima falcatrúa: mas não deixará de avaliar que nos cumpre tomar as mximas precauções, visto havermos já por duas vezes

sido embaçados com cabelleiras postiças e outra vez com tintura. Poder-lhe-ia até contar casos que lhe patenteariam a Humanidade vista a uma luz nada favoravel.

"Nesta conjunctura o meu interlocutor acercou-se da janella e bradou, com quanta força tinha, á mul tidão, que se achava preenchido o logar. Seguiu se um borborinho de desapontamento e voltou cada qual para sua casa, de orelha murcha.

"Fiquei em colloquio intimo com a esquimatica personagem da grenha não menos ruiva que a minha.

— O meu nome é Duncan Ross, declarou e sou um dos membros beneficiarios da associação fundada pelo nosso tão nobre bemfeitor. — O senhor Wilson é casado? Tem familia?

"Deante a minha resposta negativa, a carantonha de Mister Duncan Ross cresceu um palmo.

— Valha-me Deus! exclamou, pondo-se serio, é pena, realmente, e sinto deveras, por seu respeito, visto como a dotação tem por fim o perpetuar as cabeças ruivas, augmentando-lhe o numero. E' deploravel, realmente, o facto de ser solteiro.

"Coube-me, então, a mim a vez, senhor Holmes, de assumir expressão afflicta vendo escapar-se-me das mãos tão feliz situação! E todavia, passado um instante, affirmou-me o gerente que, não obstante, seria admittido.

— Para outro qualquer individuo, não consentiriamos talvez em lhe dispensar semelhante favor, e comtudo, os seus cabellos são de uma cor ruiva tão admiravel e tão rara, que não duvidamos estabelecer uma excepção em seu favor. Poderá entrar em funcções sem demora?

— Quanto a isso, causa-me um certo embaraço; deixa-me tão pouco vagar o meu officio!

— Deixe lá! não lhe dê cuidado, senhor Wilson, exclamou Vicente Spaulding: tomo sobre mim o trabalho de ajudal-o e substituil-o, até, se tanto fôr necessario.

— E quaes seriam as horas mais convenientes para o senhor?

— Necessitava da sua presença das dez horas da manhã ás duas da tarde.

"Ora o senhor Holmes, ignora, talvez, que a quem tem casa de penhores, augmenta muito mais o trabalho ahi pelo fim da trde, e muito em especial ás quintas e ás sexta-feiras, vesperas dos dias de feria. Fiquei pois contentissimo pelo facto de deparar com uma occupação lucrativa para as horas da manhã, e de mais a mais sabendo que o meu optimo empregado faria as minhas vezes para com os meus clientes. Respondi que era negocio fechado e indaguei qual era o ordenado?

— Quatro libras e meia por semana, foi a resposta.

— E qual o trabalho a fazer?

— Quanto a isso é meramente accessorio.

— Não percebo lá muito bem...

— Eu lh'o explico! Aquillo que acima de tudo lhe será exigido é o não arredar pé do escriptorio; ou quando menos, do predio, durante o espaço de tempo combinado; uma infracção só que fosse é regra estabelecida, far-lhe-ia perder irrevogavelmente o lógar. E' condição sobre a qual insiste o testamento, e que todo o socio tem que obrigar-se a cumprir.

— Quatro horas depressa se passam; conte comigo.

— E tenha bem presente que não admittimos desculpas, seja ella qual fôr, insistiu Mister Duncan Ross; nem doença, nem negocios, etc., etc. E' indispensavel manter-se firme no seu posto, sob pena de ficar sem o logar.

— E qual será o trabalho que exigem de mim?

— A copia da "Encyclopedia Britannica". Ali tem o primeiro tomo debaixo daquella prensa. Fica a seu

(Continúa na pag. seguinte)

cargo trazer tinta, pennas e papel mata-borrão; e nós pela nossa parte fornecemos-lhe aquella mesa e esta cadeira. Póde vir amanhã?

— Com certeza, respondi.

— Muito bem, e até mais ver, senhor Jabez Wilson, e consinta que lhe dê os parabens pela importante posição que teve a felicidade de alcançar.

"Despedi-me e recolhi-me á casa com o meu empregado, a cabeça tonta de todo com aquella famosa sinecura.

"Levei todo o dia a pensar no caso, e á noite já se me havia esmorecido o enthusiasmo da manhã, a tal ponto me perseguia a idéa de um logro ou de uma fraude. Mas com que fim?

"Era isso que me parecia incomprehensivel. Por outro lado, haveria nada mais inverosimil do que o tal testamento, ou a concessão de quantia tão avultada em paga de um tão simples trabalho como o da copia da "Encyclopedia Britannica"?

"E eu, então, apesar do muito que fez o Spaulding para me animar, estava formalmente resolvido, quando me metti na cama, a desistir de semelhante situação.

"E não obstante, assim que acordei, vieram-me tentações de ir farejar o que d'ali sahiria, peguei n'um frasco de tinta, n'uma penna e em sete folhas de papel pautado, e encaminhei os passos para Pope's Court.

"Ali, com grande satisfação da minha parte, nada me pareceu suspeito: lá estava a mesa no competente logar, e Mister Duncan Ross á minha espera para ver se eu pegaria ou não a serio no trabalho.

"Fez-me principiar pela letra A, e deixou-me a sós, voltando, uma vez por outra, a verificar se tudo corria bem.

"A's duas horas disse:

— Até á vista.

"Felicitou-me pela rapidez com que escrevia, sahiu e só me deixou na rua.

"Repetiu-se isto, senhor Holmes, todos os dias uma semana a fio. No sabbado, compareceu o director, e colocou-me, na frente, quatro libras e meia como remuneração do meu trabalho.

"Eu era certo todos os dias de manhã no escriptorio, ás dez horas, e sahia ás duas. A pouco e pouco Mr. Duncan Ross foi deixando de exercer sobre minha pessoa vigilancia activa. Apenas fazia a sua visita, pela manhã; e não voltava mais em todo o dia.

"Pelo que me diz respeito, fiel ao meu compromisso, não me atrevia a arredar o pé do escriptorio, pelo espaço de um segundo só que fosse, tal era o medo de que me colhesse em flagrante, e de perder assim uma situação retribuida com tanta liberalidade.

"Já lá iam quatro semanas, e eu a tratar successivamente de abbade e de artes, do modo de atirar ao arco, de armaduras, de architectura, de atticos, de atrios, de abanos, de absydes, de africanos, asiaticos, americanos, arroz, argentinos; em summa, o maior numero de palavras começando em A, tinham sido copiadas por mim.

"Tinha eu rabiscado uma certa quantidade de papel, enchera quasi que uma prateleira com as minhas copias, esperando, activando mais o trabalho, de dar principio á letra B, eis se não quando, num apice, se esbarronda tudo, de vez.

— Ora essa! Que me diz?!

— E' tal qual, senhor Holmes. Hoje, de manhã, mesmo, fui eu, conforme o costume, para o escriptorio, ás dez horas; esbarrei com a porta fechada, e este editalzinho que aqui vê, pregado na mesma.

"Leia-o o senhor.

"O homem de cabello ruivo exhibiu-nos um pedaço de cartão do tamanho de uma folha de papel de carta, sobre o qual se achavam traçadas as seguintes linhas:

" *A SOCIEDADE DOS RUIVOS* "
acha-se dissolvida — 9 de Julho de 1908

Lido o annuncio, tanto eu como Holmes erguemos como que por instincto, a vista para o desconsolado semblante do nosso interlocutor, e sobrepondo-se a toda e qualquer consideração o elemento comico do caso, um e outro desfechamos ruidosissima gargalhada.

— Eu é que não vejo motivo para riso em semelhante historia, exclamou rubro de colera o nosso consultante: se apenas têm sarcasmos para me offerecer, vou bater a outra porta!

— Não não, exclamou Holmes, obrigando-o a sentar-se outra vez na cadeira, da qual se erguera já. Palavra! este negocio para mim vale quanto pesa em ouro. E' tão novo e tão original! Mas não deixará de concordar commigo quanto ao lado gaiato da sua aventura. — E agora, falemos serio. — Quaes foram os passos que deu ao ver este cartão na porta?

— Fiquei tal qual uma estaca enterrada pelo chão abaixo senhor Holmes, sem saber o que havia de fazer, absolutamente. Entrei nos predios da vizinhança, indaguei a torto e a direito; não encontrei quem me ministrasse o minimo esclarecimento. Até que por fim, fui ter com o senhorio do predio, que é guarda-livros e mora no rez-do-chão; e perguntei-lhe se sabia o fim que tinha levado a "Sociedade dos Ruivos".

"Falei-lhe então em Mister Duncan Ross. Era-lhe

completamente alheio semelhante nome. — "Mas, em conclusão, quem é aquelle sujeito, que mora no n. 4?

— Qual, o ruivo?

— Sim, senhor.

— Ah! refere-se a Mr. William Moriss, o procurador; esse apenas me havia alugado a casa, á espera de que lhe concluissem uns arranjos no seu novo aposento. Mudou-se hontem.

— E onde poderei encontral-o?

— Aqui tem o endereço: 17 — King Edward Street, nas vizinhanças da egreja de S. Paulo.

"Fui até lá, num pulo, senhor Holmes; mas em vez de Mr. Moriss, dei com uma fabrica de pernas artificiaes e ninguem dava noticia quer de Mister Moriss, quer de Mister Duncan Ross.

— E depois, que foi que fez?

— Voltei para minha casa em Saxe-Coburg-Square, e consultei o meu empregado que apenas soube exhortar-me a que tivesse paciencia, accrescentando que era provavel eu receber uma carta. Não deixará de avaliar que isso para mim não era o bastante, senhor Holmes; nem me resignava a perder uma situação daquellas sem me mexer; e constando-me que o senhor se dignava de prestar o seu concurso aos pobres desgraçados que se encontram em situações difficeis, vim direito á sua casa.

— E fez bem, respondeu Holmes; é interessantissimo o seu caso; e muito folgarei em tentar esclarecel-o. A julgar pela sua narrativa, quer-me parecer que tudo isso é mais serio e mais grave do que parece á primeira vista.

— E' mais que serio! murmurou mister Jabez; ora pense só nisso — perder quatro libras e meia por semana!

— Pelo que lhe diz respeito, observou Holmes, não me parece que tenha motivo para se queixar dessa tão extraordinaria associação. Pelo contrario, a sua riqueza augmentou de mais de cincoenta libras, isto sem que mettamos em linha de conta a sciencia cabal que poderá ter adquirido com respeito aos vocabulos que principiam pela letra A. Por conseguinte não perdeu coisa nenhuma...

— Lá isso é verdade, senhor Holmes... mas tenho empenho em descobrir que casta de gente seria aquella, e qual o fim a que se propunham, pregando-me semelhante logro, admittindo que o fosse. Seja como fôr, a caçoada custou-lhe mais de cincoenta libras...

— Trataremos de nos confirmar a semelhante respeito. E agora, permitta-me que lhe dirija duas ou tres perguntas, sr. Wilson. Foi o seu empregado quem primeiro lhe attrahiu a attenção para o annuncio, não é verdade? Ha quanto tempo está elle ao seu serviço?

— Haverá coisa de um semestre.

— E como foi que o encontrou?

— Respondeu a um annuncio que eu inseri num jornal.

— E foi o unico que se apresentou?

— Não senhor, appareceu-me uma duzia delles.

— E por que foi que o escolheu, preferindo-o a outro qualquer?

— Pelo facto de ter vindo primeiro, e serem modestas as suas pretenções.

— E elle, em summa, acceitou a metade do ordenado commum em taes casos?

— Sim, senhor.

— Faz favor de me descrever esse tal Vicente Spaulding?

— E' baixo, reforçado, muito azougado e não tem barba, comquanto ande já pelos trinta annos. Tem na testa uma cicatriz, resultante de uma queimadura com um acido qualquer.

Holmes, muito sobresaltado, retezou-se na cadeira:

— Tal qual eu o esperava. Reparou alguma vez se teria as orelhas furadas como quem usa brincos?

— Exactamente, sr. Holmes. Disse-me elle que uma cigana lh'as tinha furado em pequeno.

— Hum! rosnou Holmes, voltando a repimpar-se na cadeira com a physionomia carregada. E conserva-se ainda em sua casa?

— Certamente, senhor Holmes, e lá o deixei, até quando sahi.

— E tem tratado bem dos seus negocios, na sua ausencia?

— Não tenho a seu respeito a minima razão de queixa, senhor Holmes; e dahi, poucos são os freguezes que acodem pela manhã.

— Muito bem, senhor Wilson, e folgarei em transmittir-lhe a minha impressão acerca de tudo isso daqui a dois ou tres dias; hoje é sabbado: ouso esperar que lá para segunda-feira já tenhamos uma solução.

— E então Watson, disse Holmes, mal que voltou costas o nosso visitante, que me diz a isto?

— Que não percebo patavina, respondi com sinceridade. E' negocio mysteriosissimo.

(Continúa no proximo numero)

JORNAES RAROS

O jornal mais antigo do mundo é o "Kia-Fan", que se publica em Pekim e traz no cabeçalho — "Anno 1400". A principio, e durante mais de quatro seculos, foi mensal. Em 1561 começou a circular semanalmente e em 1800 passou a diario. Publica trez edições: a da manhã é amarella; a do meio dia, branca; a da tarde, cinzenta.

* * *

O jornal mais septentrional, cuja latitude é tambem muito mais elevada que a sua tiragem, chama-se "Katosikak" e publica-se em Godiano, na Groenlandia. Sahe uma vez por mez e é escripto na lingua bem pouco literaria, dos esquimáus.

Um missionario, o padre Maeller, foi seu fundador e é actualmente seu director, redactor, administrador e compositor.

Em Nova York edita-se um periodico com o titulo "The National Mause Journal" e occupa-se exclusivamente de ratos.

* * *

Em Hamburgo, o maior mercado de féras, publica-se "O Amador dos Animaes Ferozes". E' semanal e illustrado.

OS MACACOS PENSARÃO?

Em certos circulos scientificos commentou-se apaixonadamente a exposição feita na Sociedade Physiologica de Berlim pelo professor Gustav Pfungst sobre a faculdade de imitação do instincto nos macacos e tendente a estabelecer até que ponto chega a intelligencia desses pretensos ascendentes nossos, qual o seu grão de memoria e qual seria sua conducta desde que fossem separados de seus congeneres.

Para esse estudo serviu de *suyet* um macaco, producto de cruzamento de simios de Java e Bornéo. Contava apenas uma semana quando foi internado numa clinica infantil de Francfort, completamente isolado dos meninos. Foi creado á mamadeira e mezes mais tarde chupava os dedos como fazem os bébés, facto esse — fala o professor Pfungst — não commum entre os anthropomorphos da Oceania. Quando se zangava, o mono abria a bocca a soltar soluços como as creanças que choram. Se o irritavam era muito violento quebrava o que estivesse a seu alcance. O que o professor allemão nunca conseguiu precisar foi a alegria do seu "pupillo".

Por fim, decorrido quatro annos, o macaco em questão foi conduzido á presença de um dos seus "compatriotas". Tal, porém, foi a vergonha, o "pudor" manifestado pelo ingenuo simio de Francfort, que correu a esconder-se por traz do professor Pfungst, como se fosse um collegial timido.

E só depois de muito esforço e trabalho é que conseguiram convencêl-o de que elle não se achava deante de um macaco e sim de uma macaca. Elle, então, mudou e tornou-se muito gentil e attencioso.

E' o que disse o professor Pfungst...

A CONFISSÃO INUTIL

— DUAS horas... Preciso ir-me embora. Até logo, minha Marcela.

M. Maxime Anloy, que era elegante, loiro e de physionomia agradavel, terminou a chicara de café, levantou-se e contornou a mesa. Elle inclinou o alto porte para beijar a mulher moça, ainda sentada.

— Adeus, meu querido, até a noite, disse ella, ternamente.

— Esta noite... (M. Maxime Anloy tinha-se levantado). Esta noite, minha querida, — repetiu, um pouco embaraçado, — infelizmente, não posso voltar para jantar comtigo... Ainda negocios que me absorvem... E' desolador...

— Oh! Max, e é nosso anniversario de casamento... Depois de cinco annos, é a primeira vez...

A joven senhora havia-se levantado. Fina, quasi fragil no seu vestido simples e sedoso, ella tinha cabellos castanhos e um lindo rosto de uma expressão apagada, expressão dôce e calma, de vez em quando triste. Lagrimas brotavam-lhe dos olhos azues.

— Minha pobre creatura, eu prefiro estar desolado, repito-o... Mas não póde ser de outra fórma... Os negocios, sabes, neste momento...

— Sim, sim, os negocios, eu sei. Esperava que, ao menos pelo nosso anniversario...

Elle hesitou.

— Escuta, si eu puder... Mas não, não, é impossivel... Farei o possivel para não entrar tarde... ainda que... Não queres?...

— Não. Max... Comprehendo, vae... Eu queria têr-te commigo esta noite, mas já que é impossivel.

Adeus, meu querido. Eu lerei, emquanto te espero.

— Não fatigues os teus olhos... Vamos, sorri...

Elle beijou-a ainda. Ella sorriu sem vontade, tristemente, e acompanhou-o até a sala de espera.

— Adeus, Max, falou ella ainda.

Uma vez fechada a porta, M. Maxime Anloy desceu rapidamente a escada. Estava irritado contra si mesmo.

"Que brutalidade eu fiz, pensou elle. Pobre pequena! Abandonál-a assim! Tão docil, tão paciente, tão dedicada, tão resignada... Eu abuso della; é vergonhoso... E ella tem a delicadeza de fingir acreditar nas minhas mentiras... Realmente, não mereço ser amado com tal abnegação."

Elle era sincero. Não era desses maridos cynicos e distituidos de principios que acham muito natural trahir sua mulher e o fazem sem escrupulos. Elle trahia Marcela, mas sua consciencia reprovava-o e elle tinha grandes remorsos. Elle casára com ella por amôr, ou antes por ternura e porque elle comprehendeu que ella o amava e que sua vida seria sem nuvens com tal companheira. Durante quatro annos elle havia sido perfeitamente fiel, e depois, subitamente, a virtude lhe fugira depois de certo encontro que teve, uma tarde de outomno, nos escri-

(Continúa na pag. seguinte)

ptorios duma revista darte, com uma estranha e attrahente pessôa, de typo ondulante, felino e fascinador, que se chamava Hilda Helmy, e que se comprazia em seduzil-o.

A seducção havia-se operado de pressa e de um modo completo.

M. Maxime Anloy, sem bem comprehender que encanto o enfeitiçava, lançára-se sem reservas á infidelidade; mas áquella embriaguez succedeu o remorso. Sua paixão por Hilda Helmy dominava-o, mas não destruia a sua ternura para com Marcela. Sómente, a paixão dominava a ternura, e Marcela foi sacrificada por Hilda. Nos primeiros tempos, M. Maxime Anloy esteve na esperança de que Marcela não saberia nunca a aventura que elle vivia com delicia e alvoroço. "Que faria ella si soubesse?... — pensava elle ansioso... — Felizmente, ella não saberá nunca nada... Então..."

Hilda, porém, despotica, tomava cada vez mais o tempo de M. Maxime Anloy; impunha-lhe jantares no restaurant, noites no theatro, dias nas *boites* da noite. Elle era obrigado a multiplicar perto da mulher as explicações de suas ausencias. E essas explicações repetidas tornavam-se inverosimeis. Por mais credula que fôsse Marcela, já não podia acreditar nas mesmas. De outro lado, durante as sahidas com Hilda, M. Anloy foi visto por varios homens e mulheres de suas relações. Seria possivel que uma indiscreção não houvesse prevenido Marcela? Não, era impossivel. Marcela sabia e seu silencio era de resignação, de abnegação... Ella soffria sem dizer nada, amando-o ao ponto de dominar seu ciume, seu amôr-proprio feminino. Quando elle se apercebeu disso, M. Anloy ficou commovido até as lagrimas. Ao mesmo tempo, uma secreta satisfação o invadiu. Elle não podia mais temer perder Marcela, pois ella sabia e se calava... De certo, elle dizia comsigo que deveria, em attenção á dedicação da mulher, acabar com a aventura, mas se limitava a dizêl-o, porque não se resolvia a fazêl-o. Bastava-lhe ter remorsos.

Elle pensava em tudo isso nesse dia de anniversario de casamento, em que, uma vez mais, elle havia sacrificado Marcela, em favor de Hilda. De facto, elle se censurava cada vez mais sua conducta.

Foi, no emtanto, com ardente alegria que entrou ás 7 horas da noite, no hotel onde morava Hilda, e onde, innumeras vezes, a fôra buscar.

Um empregado fêl-o parar.

— Mme. Helmy partiu hontem, senhor. Aqui está uma carta para o senhor.

Estupefacto, Maxime Anloy abriu o envolucro:

A CONFISSÃO INUTIL

(C O N C L U S Ã O)

"Hilda precisou partir subitamente para sua terra, — leu elle. Foi chamada pelo marido. Adeus... H."

Ficou pasmo, com a carta na mão.

Sua terra? Que terra? Elle nunca soubéra. Seu marido? Era então casada? Nunca lhe havia dito...

A aventura tocava ao fim. Era tudo.

Elle sahiu, admirado, desarvorado, desesperado tambem, porque comprehendia agora que Hilda, havia alguns mezes, tomára mais lugar na sua vida do que elle suppunha.

Deixou o hotel, caminhou a esmo, tentando refazer-se. Que faria para encher o vazio que lhe causava a partida dessa mulher? Mas sacudiu os hombros. Estava acabado; tanto melhor! Marcela não soffreria mais. Elle iria dedicar-se a ella, recompensal-a de sua abnegação. Hesitou em entrar para jantar com ella. Mas não; ella não o esperava e elle sentia-se ainda muito perturbado.

Elle afundou por um restaurante, comeu pouco, passou uma hora num cinema e voltou á casa.

Marcela, no salão, sob uma lampada suave, lia, graciosa imagem da felicidade conjugal.

— Oh! voltas cêdo! Como és gentil! — disse-lhe ella.

Elle ficou muito commovido. Pobre pequena! Contentava-se com pouco.

Um grande desejo invadiu-o de affirmar, sem mais espera, que o máu pesadelo estava terminado, que elle voltava inteiramente a ella. Sentou-se perto della, tomando-lhe as mãos.

— Minha querida, festejaremos juntos amanhã nosso anniversario. O que se passou hoje e desde alguns tempos para cá... está acabado...

— Não terás mais jantares de negocios?

— Minha querida, sejamos sinceros ambos. Tu fôste muito dedicada, indulgente para com um deslise passageiro. Está acabado, juro-te! Não quero mais vêr lagrimas nos teus bellos olhos... Comprehendeste bem que isso não tinha importancia... Que nunca amei senão a ti...

Ella levantou-se com os olhos cheios de espanto.

— Mas eu penso que nunca amaste senão a mim! Que quer isso dizer?

Elle percebeu o abysmo em que se havia precipitado, mas era muito tarde.

— Que quer isso dizer?! — repetiu Marcela. — Em que fui indulgente? Que significa o teu deslise passageiro? Que foi que acabou? Oh! oh! Comprehendo! Max, olha-me! Tens jantares de negocios... Mentiras! Tinhas uma amante! E' isso! E' isso!

Elle estava tão espantado, que não achou forças para protestar.

— Eu... pensava... — gaguejou elle.

— Que eu acceitasse isso! Que eu te perdoasse!... Ah! miseravel! E eu como uma tola... Ah! miseravel! Nunca te perdoaria! Nunca! Nunca! Trahir-me, a mim... trahir-me!

Livida, com o rosto transfigurado pela raiva, ella levantára-se, gyrava sobre si mesma como uma louca. Agarrou sobre o fogão um potiche antigo, lançando-o aos pés do marido. Vociferava, transformada em furia:

— Oh! Imbecil! Imbecil!

— Oh! Imbecil, imbecil que eu sou! gemeu M. Maxime Anloy, aterrado; — ella não sabia de nada...

PAUL BOURGET

— Que diria teu pae si te ouvisse dizer taes barbaridades?

— Diria ser um milagre, pois elle é surdo como uma pórta...

un air embaumé
Perfume
RIGAUD 16 rue de la Paix PARIS

ORF-LÉNE
LIQUIDO
Tinje cabellos brancos
nas seguintes cores
Louro
Bronzeado claro
" escuro
Castanho claro
" natural
" bronzeado
" pouco escuro
" escuro
Prêto
O
ORF-LÉNE
A VENDA NAS
LIQUIDO
BOAS CASAS
taes como
Instituto Physioplastico e Perfumaria
RUA S. SETEMBRO 86
AMÉRICO & CIA
RUA S. SETEMBRO 93